

Ana Cristina de Moraes  
Darlan Lima Paiva

# Cartas Pedagógicas:

Reflexões de Docentes da Educação  
Básica e Superior



## **UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**

### **REITOR**

José Jackson Coelho Sampaio

### **VICE-REITOR**

Hidelbrando dos Santos Soares

### **EDITORA DA UECE**

Erasmio Miessa Ruiz

### **CONSELHO EDITORIAL**

Antônio Luciano Pontes	Lucili Grangeiro Cortez
Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes	Luiz Cruz Lima
Emanuel Ângelo da Rocha Fragozo	Manfredo Ramos
Francisco Horácio da Silva Frota	Marcelo Gurgel Carlos da Silva
Francisco Josênio Camelo Parente	Marcony Silva Cunha
Gisafran Nazareno Mota Jucá	Maria do Socorro Ferreira Osterne
José Ferreira Nunes	Maria Salete Bessa Jorge
Liduina Farias Almeida da Costa	Silvia Maria Nóbrega-Therrien

### **CONSELHO CONSULTIVO**

Antônio Torres Montenegro   UFPE	Maria do Socorro Silva Aragão   UFC
Eliane P. Zamith Brito   FGV	Maria Lírida Callou de Araújo e Mendonça   UNIFOR
Homero Santiago   USP	Pierre Salama   Universidade de Paris VIII
Ieda Maria Alves   USP	Romeu Gomes   FIOCRUZ
Manuel Domingos Neto   UFF	Túlio Batista Franco   UFF

Ana Cristina de Moraes  
Darlan Lima Paiva

# *Cartas Pedagógicas:*

*Reflexões de Docentes da Educação  
Básica e Superior*

1ª Edição

Fortaleza - CE

2018



**CARTAS PEDAGÓGICAS: REFLEXÕES DE DOCENTES DA EDUCAÇÃO  
BÁSICA E SUPERIOR**

© 2018 *Copyright* by Ana Cristina de Moraes e Darlan Lima Paiva

Impresso no Brasil / Printed in Brazil  
Efetuado depósito legal na Biblioteca Nacional

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE  
Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi – Reitoria – Fortaleza – Ceará  
CEP: 60714-903 – Tel: (085) 3101-9893  
www.uece.br/eduece – E-mail: eduece@uece.br

Editora filiada à



**Coordenação Editorial**

Erasmus Miessa Ruiz

**Diagramação e Capa**

Narcelio Lopes

**Revisão de Texto**

Vianney Mesquita

**Ficha Catalográfica**

Lúcia Oliveira CRB - 3/304

---

M827c      Moraes, Ana Cristina de  
Cartas Pedagógicas : reflexões de docentes da educação básica e superior / Ana Cristina de Moraes, Darlan Lima Paiva.  
- Fortaleza : EdUECE, 2018.  
86p.  
ISBN: 978-85-7826-632-5

1. Educação. 2. Educadores - Brasil - Correspondência. I. Paiva, Darlan Lima. II. Título.

---

CDD: 370

## Prefácio-sentido

Foi com imensa alegria que aceitei o convite para fazer o prefácio do livro de Ana Cristina de Moraes e Darlan Lima Paiva - *Cartas Pedagógicas: reflexões de docentes da educação Básica e Superior*. E foi com a mesma intensidade que me vi envolta em uma indagação: como devo proceder para escrever um prefácio com o mesmo significado e sentido das cartas pedagógicas? Diante da dúvida ancorei a minha escrita no método (con)texto de letramento múltiplo, produzindo um texto-sentido/prefácio-sentido. Produzir um texto-sentido corresponde dizer dos sentidos para a expressão de sentimentos, ideias e pensamentos, após a leitura de um texto, podendo ser usadas as mais diversas linguagens, formas de representação, como afirma Cavalcante Júnior (2001)<sup>1</sup> e é deflagrado por uma pergunta: qual foi o seu sentimento ao ler o texto? Para essa escrita refiz, então, a pergunta: qual foi o meu sentimento ao ler as cartas entre Ana e Darlan? Como essa leitura me afetou? E é sobre os meus sentimentos e afetações que me proponho a escrever este prefácio, mas sempre na condição de aprendiz, porque “tenho o privilégio de não saber quase tudo”.<sup>2</sup>

---

1 CAVALCANTE JÚNIOR, F. S. *Por uma escola do sujeito: o método (con)texto de letramento múltiplos*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

2 BARROS, M de. *Menino do mato*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015, p.23.

Primeiramente, me senti lisonjeada por ter a regalia da primeira leitura. Prefaciara um livro é ler antes de todos, é ter a prioridade de se deliciar com cada palavra antes de todos, mas com a missão de anunciar o aprendido, a descoberta, o sabor experimentado, o visto e o não visto e, ainda, animar outros leitores para a experiência da leitura. Eis o grande desafio nesse momento, anunciar a descoberta, uma vez que foram muitos os meus sentimentos e aprendizagens saboreadas.

O segundo sentimento foi de contentamento por estar diante de um gênero textual – a carta – presente no cotidiano das pessoas desde a antiguidade e que mesmo diante da tecnologia persiste enquanto forma de comunicação, como afirma Ana na carta de 20 de agosto de 2015, *“essa expectativa é ainda muito forte em mim, mesmo com as cartas virtuais, afinal, apenas mudaram os canais de comunicação. O endereço eletrônico pela internet me é algo muito caro, pois continuo escrevendo e recebendo cartas”*. Confesso que as leituras das cartas me fizeram lembrar que fui por muito tempo escriba da minha mãe ao escrever cartas para as minhas irmãs, enviando notícias do nosso cotidiano em Viçosa do Ceará. Quanta alegria enviar e receber notícias por meio de cartas!

O meu terceiro sentimento foi um misto de tristeza e esperança, diante do conteúdo das cartas. Tristeza perante tantos problemas anunciados e sem ser dada a devida atenção pelos órgãos competentes, como anunciaram Ana e Darlan em diversas cartas, dentre as quais destaco: *Nas escolas municipais pelas quais já passei a Educação pela Arte e a Estética passam longe; é música silenciosa, quase ninguém ouve*; *“São tantos os aspectos problemáticos que podem interferir negativamente nas aprendizagens das crianças e jovens escolares que, se*

*formos pontuar todos, desenharemos um gigantesco rosário de lamentações a que não devemos nos agarrar, sob pena de também nos contagiarmos com tantas negatividades em curso nessa nossa sociedade.* Isso mostra a complexidade da ação docente e, ainda, que não podemos esquecer que esta é uma ação situada.

Entretanto o sentimento de esperança ganhou mais espaço, primeiro porque as cartas são permeadas de perguntas as quais poderão colaborar na formação de docentes/leitores, em suas reflexões e esperanças, como aconteceu comigo ao ler as questões feitas pelos missivistas; as perguntas nos fazem sair do lugar comum e pensar sobre os temas levantados, que não foram poucos, exercendo assim a minha, a sua, a nossa capacidade de reflexão. *O que o move, meu amigo, para continuar atuando no campo educacional? Que anseios permeiam suas práticas pedagógicas que, por serem pedagógicas, são, sim, dotadas de intencionalidades? Que angústias, medos, revoltas, desejos de transgressão também rondam essas práticas? O que dá sentido à sua existência? O que o faz insistir no campo educativo, como docente? Que sonhos você alimenta? Mas o que seria de nós sem a capacidade de sonhar? Por que é tão difícil aceitar o outro? Como não cair num desencanto? Como superar essa cultura do supérfluo, da espetacularização, das banalidades? Como acreditar numa medida provisória para a Educação em que somente o ensino de Língua Portuguesa e a Matemática serão prioritários?* Indagações muito pertinente e que convido o leitor a pensar sobre elas também. Segundo, porque os autores também anunciam a sua condição de seres esperançosos ao escreverem em uma carta: *Ter humildade, paciência e esperança nesses processos educativos é o que nos ensina Paulo Freire.* Comungo com essa ideia porque

como ele, me sinto assim, esperançosa. Tenho esperança em dias melhores, tenho esperança que a minha ação, embora pequena, faça diferença, bem como a de todas as pessoas que têm na educação seu espaço de militância, como disse a professora Margarete Sampaio<sup>3</sup>, uma “esperança militante”. Tenho esperança, especialmente, nas pessoas, no poder que cada uma tem de mudar a si mesma e ao seu entorno, porque a esperança faz parte da natureza humana, como tão bem ensina Paulo Freire e pude perceber em cada carta, pois mesmo diante de situações difíceis no final o sentimento de esperança se fazia presente.

A leitura das cartas renovou esse sentimento de esperança e, assim como eles, eu também *quero uma escola da prática, da pesquisa, do acolhimento, que prepara o estudante para ler o mundo, ler – como diz Clarice Lispector – a entrelinha, o que não está sendo dito, o silencioso e o não dito [...] e que oportunize o aluno/a da educação básica ou ensino superior a “fugir para o mundo do sem-fim”*. As próprias cartas já nos levam a saborear este mundo do sem-fim, anunciando possibilidades como as aulas-oficinas e nos convidando a recriar as nossas! Finalizo renovando o convite para que você, caro leitor, saboreie cada palavra, refletindo sobre seu estar no mundo consigo, com o outro e com o cosmo.

**Tânia Maria de Sousa França – UECE/FECLI**

Fortaleza, janeiro de 2018.

Tempo bom para chover... e plantar!

---

3 Anotação de aula por ocasião do Seminário sobre Paulo Freire – PPGE/UECE - 2016

## Apresentação

As cartas que ora vêm a público constituem instigantes diálogos – pedagógicos, afetivos, políticos, literários etc. – entre um professor da Educação Básica municipal e uma professora do Ensino Superior público do Estado do Ceará.

A difusão desses escritos é dotada de uma clara intenção pedagógica, dada a necessidade de refletirmos e dialogarmos sobre desafios educacionais da atualidade, tanto entre educadores de etapas distintas da Educação formal, como entre todas as pessoas interessadas em pensar e intervir, de algum modo, nas realidades sócio-educativas no atual contexto.

Junte-se a isso a crescente vontade de escrever, poética e literariamente, que nos assoma e faz-nos transpor esta linguagem para a senda de conhecimento específico – o das Ciências da Educação. Poetizar saberes referentes a este terreno significa tornar esses saberes mais leves e instigantes para todos aqueles que buscam inspirações para suas intervenções cotidianas como educadores – seja no papel de professores, pais, representantes políticos etc.

A escrita epistolar como método de comunicação literária e científica (no caso, aqui, à seara dos saberes edu-

cacionais) é tomada por nós como caminho importante na articulação entre as linguagens acadêmica e coloquial, cotidiana e poético-literária.

Este trabalho por via das cartas como modalidade de comunicação e de produção literária é algo que valorizamos bastante, pois, a apropriação e o tratamento concedido às missivas tendem a criar a possibilidade de dar um tratamento estético aos referidos assuntos educacionais. Esforçamo-nos, pois, para que a dimensão do produto estético esteja nas produções textuais variadas e também na apreensão e discussão de ações de Educação e Cultura.

Refletir acerca da Educação estética na escola e na universidade requer que sejam elaborados, concomitantemente, processos de experimentação e de produção artística.

Sobre quais processos estético-educativos essas instituições se debruçarão teoricamente, se não possuem o próprio objeto de análise? Sob qual fundamentação empírica – pois a Arte e a Estética existem em virtude de uma razão prática – essas instituições educativas se sustentarão? Até quando elas farão análises, avaliações e julgamento “do outro” – o trabalho de professores, por exemplo – sem se voltarem para o exame de si mesmas e, principalmente, para a elaboração criativa de práticas pedagógicas interdisciplinares que conduzam ao desencadeamento de uma Educação estética, essencial à formação humana integral?

Com base nesses questionamentos, direcionamo-nos para a composição de uma escritura mais literária e, ao mesmo tempo, tentando fazer com que ela seja envolvente, lúdica, sem deixar de ser densa e crítica.

A carta é um documento, peça para o diálogo, prosa, comunicação mais direta, coloquial, direcionada a um interlocutor. Há nelas um sentido, ao mesmo tempo, objetivo e subjetivo, coloquial e formal, prosaico e poético. No âmbito da troca de informações e de saberes, as epístolas pressupõem mais diretamente uma relação entre o eu e o outro.

Parece-nos que o recurso das cartas instiga os outros à leitura, pois remete à ideia de perscrutar, fuçando os “segredos” do remetente; uma dada missiva, direcionada ao destinatário específico, mas que passa a se tornar pública, intencionalmente de domínio geral, assume certa configuração de “carta pedagógica”. É precisamente esta a intenção da existência dessas peças que lhes apresentamos.

[...] uma carta só terá cunho pedagógico se seu conteúdo conseguir interagir com o ser humano, comunicar o humano de si para o humano do outro, provocando este diálogo pedagógico. Sendo um pouco mais incisivo nesta reflexão, diríamos que uma Carta Pedagógica, necessariamente, precisa estar grávida de pedagogia. Portar, sangue, carne e osso pedagógicos. (CAMINI, 2012, p. 35).

Antes de ler este excerto, indagávamos: não teriam todas as cartas um caráter pedagógico? Uma mensagem trazida por uma correspondência pode ser apreendida como um instrumento educativo? Começando a refletir sobre o significado educacional deste recurso de comunicação, dizemos que, *a priori*, toda mensagem pode ter uma dimensão educativa; porém, nem todas são dotadas de intencionalidades. Uma carta pedagógica, sim.

É nesse sentido que apreendemos tais cartas, tanto com a intenção de expor seu caráter pedagógico, como com a concepção de que há uma estética na composição desse tipo de documento que se diferencia de um texto acadêmico, apesar de que nas discussões destes escritos há variados debates de cunho científico, filosófico e político.

Dentre as referências literárias mais marcantes que nos influenciam para a composição das cartas em circulação virtual e mostradas neste trabalho, destacamos: as *Cartas sobre a educação estética do homem* (SCHILLER, 2011); a *Carta a meu pai* (KAFKA, 1970); as cartas de Goethe, na obra *Os sofrimentos do Jovem Werther* (2011); as cartas trocadas entre Goethe e Schiller (2010) e; de Paulo Freire, as *Cartas a Guiné-Bissau* (1979). Esses autores que, como se vê, escreviam bastante cartas, algumas com claras intenções pedagógicas voltadas à formação de educadores, outras de cunho mais literário ou filosófico; todas elas com seus devidos méritos e grandezas, ao nos proporcionar saberes diversificados de maneira mais envolvente e até mais coloquial.

As cartas aqui reunidas foram postadas pelo correio eletrônico de agosto de 2015 a fevereiro de 2017 e respondidas pelo mesmo meio de comunicação até mesmo para facilitar sua revisão e edição, tendo em vista sua publicação.

Desejosos de que essas cartas possam ser saboreadas pelos leitores que tem fome de saberes mobilizadores de sentimentos dos mais nobres como a vontade de transformação – de si e dos outros – é que as remetemos a todos vocês.

**Ana Cristina de Moraes**  
**Darlan Lima Paiva**

# Sumário

Fortaleza, quinta-feira fresca e de sol radiante, .....	15
Fortaleza, 22 de agosto de 2015, um ano de bons sonhos..	20
Fortaleza, segunda-feira, 24 de agosto de 2015. Com foco no trabalho.....	25
Fortaleza ensolarada, 26 de setembro do caju, de 2015.....	30
Fortaleza, segunda-feira serena de 12 de outubro de 2015.	33
Fortaleza ensolarada, 21 de dezembro de 2015,.....	41
Fortaleza chuvosa de carnaval, 08 de fevereiro de 2016.....	49
Fortaleza, 06 de junho de 2016: quero a suavidade das flores.....	54
Fortaleza, 12 de agosto de 2016, em meio às Olimpíadas no Brasil.....	57
Fortaleza, 24 de outubro de 2016.....	60

Fortaleza, 31 de janeiro de 2017.....	64
Fortaleza, 12 de janeiro de 2017.....	67
POSFÁCIO .....	72
BIBLIOGRAFIA.....	84
Apresentação dos autores .....	86

## Fortaleza, quinta-feira fresca e de sol radiante,

20 de agosto de 2015.

Caro amigo Darlan,

Ao sondar no armário da memória algum fato para relatar-lhe a respeito de feitos pedagógicos, políticos, artísticos etc., ocorridos em intervenções docentes na universidade as quais vivenciei, vieram-me “váaaaarias” lembranças significativas e, acredito que, por todas as nossas experiências educacionais, te(re)mos muito “pano pra manga” para desenvolver diálogos intermináveis no decorrer das escritas dessas cartas. O que, aliás, é para mim muito instigante e prazeroso, por muitos motivos: por poder dialogar mais demoradamente com você, que admiro como professor; por poder escrever cartas, algo que me encanta; pelo fato de refletir e expor aspectos relevantes sobre educação – em suas diversas nuances – tanto na educação básica (municipal) como na superior (estadual), ambas experiências de instituições públicas do Estado do Ceará.

Estou feliz porque me sinto mais à vontade e instigada a escrever do que a falar, não por indisposição de falar, mas porque percebo que me expesso bem melhor escrevendo. Acho até bem mais elegante “conversar” com alguém por via da escrita. Há aí uma aura de nostalgia de minha parte. Sim, Darlan, me assumo como romântica, daquelas do tempo das cartas escritas à mão, enviadas pessoalmente por um mensageiro e que demorava alguns dias para serem

recebidas. Ah, a excitante expectativa da espera de uma resposta: que notícias viriam? Que retorno aos meus pedidos e anseios a correspondência traria? E o que eu precisaria responder ao meu destinatário? Essa expectativa é ainda muito forte em mim, mesmo com as cartas virtuais, afinal, apenas mudaram os canais de comunicação. O endereço eletrônico pela *internet* me é algo muito caro, pois continuo escrevendo e recebendo cartas, apesar de que as formas de comunicação na atualidade parecem estar cada vez mais efêmeras, apressadas, impacientes. Mesmo assim, escrevo longamente a quem me interessa, fazendo valer meu sentimento nostálgico pelas cartas – mesmo sabendo da possibilidade da indisposição do outro para lê-la. E também aguardo ansiosamente pela resposta. Então, Darlan, veja se não demora com o seu retorno! Não me mate de ansiedade. É doloroso demais.

Nessa carta pedagógica, quero lhe falar da dedicatória de um livro que ganhei de um professor, colega da UECE, e que me inquietou bastante, na semana passada. Esse livro é sobre formação de professores, e o colega, conhecendo meu tema atual de estudo – Educação Estética na Formação Docente Universitária – escreveu o seguinte, em uma parte da dedicatória: “Arte (?) na universidade? Um desafio!”.

Imagine o quanto eu fiquei martelando sobre esse escrito, que pode nem ter tido tanta intenção de gerar reflexões, mas, para mim, foi de grande significado, principalmente porque, quando estamos desenvolvendo alguma pesquisa ou algum projeto de intervenção profissional, parece que tudo o que a gente vê, ouve, sente, tem a ver com aquilo e quase tudo a gente quer atribuir algum sentido em relação ao nosso projeto, não é?

Sim, querer realizar um projeto de Educação Estética na universidade, tendo como eixo norteador as Artes é mesmo um grande desafio, principalmente em licenciaturas não especificamente em Artes, como a de Pedagogia, meu campo de atuação docente. Pelo menos sua área de conhecimento e atuação é em literatura, o que abre variadas possibilidades de estímulo à sensibilidade dos estudantes.

Voltando à dedicatória. Vejo o quanto é árido o espaço universitário na maior parte das atividades acadêmicas. O histórico excesso de valorização da razão e do saber científico impregna os corpos de professores e de estudantes. Daí a desafiante tarefa de insistir em saberes estéticos por via de experimentações artísticas num espaço que, por sua vez, insiste em reforçar a ideia de que os saberes acadêmico-científicos são “mais importantes”, “mais verdadeiros” e “mais legítimos” do que os saberes estéticos, estes advindos do corpo inteiro, no exercício dos seus sentidos e que são até mesmo fundantes dos saberes racionais. Por via do aperfeiçoamento dos sentidos humanos, das experiências sensoriais, é que também a criatividade e o pensamento se ampliam, se desenvolvem. A própria ciência, por exemplo, é elaborada com base em processos criativos e que exigem do cientista – seja ele do campo das ciências sociais, exatas, naturais,... – muita sensibilidade e percepção aguçada sobre a realidade. Nesse caso, como em qualquer outro campo de atuação, a Educação Estética das pessoas é indispensável.

Na formação de professores, isso se confirma, principalmente, quando paramos para escutar nossas crianças e jovens, quando se referem ao que vivenciam nas escolas e universidades, respectivamente.

Leia, Darlan, um relato inquietante que ouvi de uma criança e que me marcou profundamente, deixando-me preocupada com a formação de professores com o que tento contribuir para aperfeiçoar. Será que eu, como professora formadora, estou negligenciando tanto essa formação de futuros professores, já que crianças das escolas, que recebem diretamente os serviços educacionais prestados por eles, estão se sentindo insatisfeitas, tristes e sufocados com suas intervenções (ou ausências de) pedagógicas? Sem querer generalizar, claro, pois toda generalização, você sabe, não é sábia, mas vou levar comigo esta preocupação por muito tempo, para que minhas intervenções pedagógicas na formação inicial universitária de docentes se qualifiquem a cada dia e que contribuam para a mudança de sentimento de algumas dessas crianças da Educação Básica em relação aos seus professores. Eis, pois, o que diz uma dessas crianças:

- “Meu amigo disse que iria explodir todas as escolas” [menino de 06 anos – estudante do 1º ano do Ensino Fundamental privado – expondo e concordando com a opinião de um amigo de sua sala de aula].

- “Escolas deveriam não existir porque são muito chatas” [o mesmo menino, expondo a própria opinião].

- “Não preciso de escola, já sei de tudo” [ainda este menino, valorizando os próprios saberes, que não são poucos].

O que fazer com essas contundentes “verdades” ditas por uma criança de seis anos a respeito de sua escola? O que há com certas instituições educativas que a tornam chatas para muitas crianças? A que perfis de professores essas crian-

ças estão tendo acesso? O que a educação da sensibilidade e a ampliação da criatividade têm a ver com tudo isso? Em que, finalmente, a Educação Estética de futuros pedagogos pode contribuir para a transformação radical da opinião das crianças acerca da escola?

Com tudo isso, Darlan, é para futuros docentes que escrevo e dedico esta carta; mas é, fundamentalmente, por causa das crianças que busco tornar as discussões nele inclusas, instigantes, viáveis e urgentes. Pensando no “efeito dominó”, tenho a compreensão de que, futuros docentes em uma formação inicial universitária, se bem assistidos em seu processo formativo, podem contribuir consideravelmente na sedução de crianças ao envolvimento em aprendizagens escolares (que se tornam) significativas. Precisa entrar em cena, nesse contexto, uma proposta de Educação Estética desses pedagogos.

Em vez de nos concentrarmos (apenas) em relatos bizarros como os de violência que muitas vezes são brutais, macabros e, cotidianamente, televisionados, preocupemo-nos com relatos, como o há pouco exposto, que são inquietantes para todos aqueles que levam a Educação a sério e nela acreditam como caminho viável e necessário ao saudável desenvolvimento físico e mental das nossas crianças.

Fica, então, uma sugestão para a universidade, particularmente a que realiza formações profissionais em cursos de licenciatura: mão na massa, no caminho de uma Educação Estética!

Até breve, meu caro. Na romântica esperança de notícias melhores.

**Ana Moraes.**

**Fortaleza, 22 de agosto de 2015, um ano de bons  
sonhos.**

Caríssima Ana Moraes,

Acordei sob as chuvas, que me despertaram, sonolento, e a madrugada silenciosa, anuncia, talvez, as “chuvas do caju” vindouras de setembro. No tintilar das gotas de chuvas batendo no telhado e na pia externa à casa, lembrei-me de você e de sua escrita. Mexeu comigo. Passou por mim toda a minha vida escolar e universitária.

Os estudos sempre me foram tortuosos porque, mais do que razão, também sou emoção e o gosto pelo belo, pelo artístico sempre me acompanhou. Às vezes era obrigado a repetir fórmulas e meus professores não consideravam as minhas fórmulas e entendimento vindos da emoção; o meu jeito de ser e pensar, autônomo e crítico, incomodava-os, com suas ideias categorizadas: Repetir, repetição.

Mas consegui superar o repetitório do universo acadêmico, visto que comecei a lecionar na Prefeitura com o magistério de segundo grau, concluído no Instituto de Educação do Ceará. Passei no concurso municipal em 2001 e entrei no Curso de Letras da UFC em 2002. Posso dizer que minha formação foi na ação, aos moldes da pedagogia freireana. E, portanto, foi na prática que percebi que a universidade e a própria escola careciam de mais sensibilidade, arte, estética.

Nas escolas municipais pelas quais já passei a Educação pela Arte e a Estética passam longe; é música silenciosa, quase ninguém ouve; entretanto, existem sempre as almas inquietas que latejam por uma orquestra sinfônica e vão na contramão das ideologias dominantes que perpassam nosso currículo escolar, engessado, racional e segmentado.

As disciplinas ainda são vistas como departamentos intransponíveis que não possuem relação entre si. O professor, encastelado no seu mundo matemático, não interage com outros castelos disciplinares. Mesmo com os Parâmetros Curriculares Nacionais orientando para o diálogo entre as disciplinas escolares, a interdisciplinaridade, a abordagem dos temas transversais e a contextualização dos saberes ensinados na escola, ou seja, o conhecimento, deveriam sempre servir para o estudante usar na sua vida prática; porém, parece mais fácil repetir aqueles saberes reproduzidos nas salas das universidades ou o que é mais preocupante, ensinamos e repetimos velhas fórmulas que constituíram nossa aprendizagem e que serviram a uma época histórica.

Ana, o mundo de hoje é totalmente diferente de 20 anos atrás quando eu era criança. Eu fui uma criança muito boa na escola, não falava, não me levantava da cadeira, era muito tímido e quieto, por isso “bom aluno”. Hoje nas escolas ainda nós professores queremos reproduzir esse comportamento nos estudantes. Eu particularmente compreendo que os estudantes para os quais facilito os saberes em língua portuguesa são sujeitos de fala e movimento. Por isso um estudante que se movimenta, levanta-se, fala, mexe-se, quebra a lógica típica do aluno “bom”.

Devemos nas nossas aulas deixar métodos tradicionais de lado, ler o livro, registrar conteúdo na lousa, responder às questões do livro. A geração de crianças e adolescentes grita por liberdades. Eles querem alçar voos em busca de novas experiências. Desejam uma escola dinâmica, que pratica a arte em suas diversas modalidades, a dança, o teatro, a recitação de poesia, a pesquisa científica entre tantas outras formas de processar saberes.

Estou atualmente em uma Escola de Tempo Integral, a novidade mesmo é que os estudantes passam o dia na escola, mas o modelo curricular ainda é engessado, baseado só nas aulas formais. A arte e a cultura passam longe das práticas formais, salvo algumas experiências de professores artistas, inquietos, ansiosos em transformar a realidade. O que dizer de atividade extraclasse? São muito poucas. Aulas de campos quase nenhuma.

Como mudar isso? Creio que a formação acadêmica seria um passo. A Universidade deveria preocupar-se em formar professores pesquisadores para atuar também no Ensino Fundamental. Lembro-me de minha querida professora H.M. na disciplina Sociolingüística: dizia que os professores deveriam frequentar as salas de cinema, teatro, ler livros de poesia entre tantas outras maneiras de aguçar a sensibilidade. Porque isso também contribui para a formação do professor. Palavras da mestra que nunca esqueço.

Acho que a universidade deve preocupar-se mais em preparar os graduandos para a prática docente e não somente com o arcabouço de teorias acumuladas historicamente. A teoria é importante, mas o relevante é como a minha ação

docente, como minhas atitudes e problemas surgidos em sala de aula podem ser resolvidos ou amenizados por essas teorias.

Penso também que a formação em serviço iria contribuir para atualizar os professores, deixando-nos a par das novas tendências, métodos, estilo, saberes do mundo atual, fazendo um diálogo entre as gerações, saberes e métodos. Isso seria atribuição dos sistemas de ensino.

Tenho um aluno que ao chegar na sala de aula as 7h e 30min senta na cadeira e começa a dormir enquanto os outros ávidos prestam atenção à minha fala, outros conversam, outro cochicha, outro muito hiperativo. A dinâmica escolar inicia-se e eu querendo transmitir os conhecimentos da língua materna. Vou fazer o quê? Acordar aquele com um grito, chamá-lo para despertar? Deixar os que não prestam atenção à explicação sem recreio? Fazer uma dinâmica para eles se movimentarem? São muitos desafios a enfrentar porque sei que a vida deles, como a nossa, não é fácil, pois fazemos acompanhamento familiar com alguns alunos e ficamos sabendo dos problemas que as famílias também passam. E assim vamos tecendo fios de sonhos na sala de aula, nas ruas, no bairro, tentando construir uma sociedade mais justa, solidária, compreensiva e consciente. Depois direi o que faço com aquele aluno que às vezes dorme em sala.

Amiga, quero ter forças e saúde para continuar trabalhando na Educação, pois sabemos que a vida de professor não é fácil, devido as intempéries da vida, hoje não é uma profissão tão prestigiada quanto outras, salários baixos, os nossos alunos querendo voar e nós, com um currículo

querendo aprisionar. Preciso terminar esse relato que mais parece um confuso desabafo. Queria tecer metáforas, mas por enquanto escrevo orações reais de uma vida que lateja. Quero ser uma ópera silenciosa nesse torrente e desbravante espaço chamado escola. Abraços e afagos do seu amigo que muito a estima e admira,

**Darlan Lima.**

**Fortaleza, segunda-feira, 24 de agosto de 2015. Com  
foco no trabalho.**

Bom dia, Darlan!

Que esta carta leve junto, para você, bons fluidos para mais uma semana de intervenções significativas nesse universo mágico e louco que é a nossa existência.

Sabe, em sua mensagem, você me trouxe uma sensação de que o que fazemos na universidade em relação à formação de professores é muito pouco diante de um contexto de infinitas demandas socioeducativas; pois nos vemos mergulhados num imenso caleidoscópio de situações que se invadem e se misturam, tornando as problemáticas educacionais cada vez mais complexas e difíceis de nela intervirmos, ao ponto de solucionarmos algo a contento. Se, por exemplo, alguns professores mais sensíveis na Educação Básica se desdobram para motivar os estudantes, elaborar ações pedagógicas mais criativas, envolventes e, entretanto, alguns deles vêm para a sala, como você falou, anestesiados, sonolentos, apáticos, o que essa disposição motivadora do professor poderá atingir? Se muitos familiares não possuem a mesma disposição motivadora que os referidos professores, ou ainda se o ambiente familiar for de constante ausência de valorização dos saberes escolares e culturais de modo geral, como esses estudantes irão considerá-los significativos e essenciais à sua vida?

São tantos os aspectos problemáticos que podem interferir negativamente nas aprendizagens das crianças e jovens escolares que, se formos pontuar todos, desenharemos um gigantesco rosário de lamentações a que não devemos nos agarrar, sob pena de também nos contagiarmos com tantas negatividades em curso nessa nossa sociedade – em que (nela) aponto todos nós, cidadãos; representações políticas; gestores educacionais – que, em geral, parecem não perceber que um projeto educativo sério, contínuo, ético-político e estético tem, sim, a potência de criar coletividades compostas por pessoas mais sábias, criativas, críticas, enfim, no sentido mais pleno, por pessoas mais educadas.

É pensando nesse projeto educativo, Darlan, que mesmo em microatuações, no âmbito da formação inicial de professores na universidade, busco firmar essa intenção de uma educação integral e estética, que dilate a sensibilidade de futuros educadores e que produzam sementes para que estas possam semear as escolas com saberes e intervenções significativas na vida das crianças.

Dia desses (outubro de 2014), escrevi uma carta propositiva para o coletivo de professores da universidade em que trabalho (que postei nas redes sociais e no correio eletrônico desses professores), e nela expus uma necessidade gritante de espaços físicos adequados para desenvolvermos trabalhos pedagógicos que mobilizem o corpo e também envolvam saberes artísticos na formação docente. Na ocasião, reivindiquei nada mais do que “uma sala de aula vazia”, sem toda aquela mobília escolar que impede ações que requerem movimentos corporais e outras formas de interação dos

estudantes e o professor formador. Por conta da provável reforma e ampliação do prédio dessa instituição – há uma promessa de que esta reforma ocorra em breve, apesar dos intermináveis processos de licitação e burocracias governamentais – seguirei com esta bandeira reivindicativa, tendo claro que esta não é uma mera luta por espaço físico, mas, fundamentalmente, pela defesa de um projeto educativo de bases estéticas, permeadas por intervenções e formações artísticas, e é aí que entra a necessidade deste tão sonhado e apropriado espaço físico.

Na carta ao coletivo universitário, apresento a proposta pedagógica de *aula-oficina*, que venho experimentando nas disciplinas que ministro e que quero aprofundar, pois a ideia das *aulas-oficinas* intenta criar momentos formativos com reflexões e práticas (corporais, artísticas etc.) que estabeleçam a relação entre corpo, Arte e Educação e, para tanto, um espaço adequado, que possibilite a concentração e que seja confortável, é fundamental para o sucesso desse processo de ensino-aprendizagem.

Nesse mesmo caminho, Darlan, também as escolas precisariam de espaços físicos, bem como de materiais e professores com formação mais ampla e sensibilizada, tendo em vista a importância das ações pedagógicas consistentes, interdisciplinares e criativas, levando-se em conta ainda a apreensão dos interesses e do universo cultural dos próprios estudantes.

Todas essas iniciativas das universidades e das escolas, talvez, ainda sejam poucas diante daquele complexo quadro sociocultural que você e eu pincelamos. Acredito

que precisamos ter consciência de que o alcance de nossas atuações cotidianas pode não ser tão grande, mas, de algum modo, por atingir diretamente as existências de estudantes que com eles estabelecemos relações socioeducativas, pode colaborar com os desejos de transformação destes. Ações educativas exercem uma práxis, que mobiliza ações transformadoras nos modos de ser e de agir dos sujeitos e também nas realidades em que estes venham a intervir.

Ter humildade, paciência e esperança nesses processos educativos é o que nos ensina Paulo Freire. Sem isso, nossas práticas pedagógicas tendem a se contaminar de arrogância, ou mesmo de apatia e desespero, venenos fatais para educadores que, por serem sensíveis, sonham e buscam tempos prósperos de sapiência nas escolas e universidades; sapiência na lida com a gestão dessas instituições, com os processos de ensino-aprendizagem e com os afetos nas relações interpessoais, seja entre estudantes, entre professores e, enfim, entre todos os que constituem os espaços educativos em foco.

Com o desejo de que haja beleza nos encontros, é que precisamos persistir. Acredito que isso seja um princípio essencial de todo processo educativo. Por isso também que Educação Estética é vital a esses processos.

O que o move, meu amigo, para continuar atuando no campo educacional? Que anseios permeiam suas práticas pedagógicas que, por serem pedagógicas, são, sim, dotadas de intencionalidades? Que angústias, medos, revoltas, desejos de transgressão também rondam essas práticas? Esses e tantos questionamentos faço a você e, como um reflexo no

espelho, faço ao mesmo tempo para mim, insistentemente, pois refletir sobre minha presença e intervenção no mundo vem me permitindo atribuir significado à educação hoje e à própria vida – minha e dos outros.

Abraços esperançosos, sempre, para não sucumbirmos ao atual contexto que manifesta muitos atos violentos, opressores, insensíveis.

**Ana Moraes.**

P.S.: Ah, por favor, diga-me que atitude você toma em relação àquele aluno que, às vezes, dorme em sala de aula. Você já sabe que sou muuuuuuito curiosa, então, não me torture tanto assim.

**Fortaleza ensolarada, 26 de setembro do caju, de  
2015.**

Estimada Ana Moraes,

Ontem, não fui ao teu encontro porque estava exaustivo. A semana de trabalho pesava em minhas costas e em meus nervos, por isso cansei e adormeci como flor matutina. Como tu estás? E o seu filho? Lembrei-me de que, além de professora, tu és mãe também, outra tarefa como educadora que exige de nós entendimento; devemos sempre ir em busca de entender as atitudes do outro, do estudante, do filho etc.

Ana, sinto que há muito ainda a se fazer em matéria de educação. Fazer acontecer a função básica da escola, ensinar ou facilitar os conhecimentos acumulados ao longo do tempo, refletindo-os, sistematizando-os e até modificando-os, sim, porque é na modificação desses conhecimentos, acrescentando algo mais ou superando-os que fazemos história e nos desenvolvemos como seres humanos em sociedade.

Além do mais, a escola precisa urgentemente educar-se para a cidadania, apreendendo e educando para as diversidades de ideias, de raça, de gênero, sexualidade e orientação sexual.

Aqui, pergunto-te: como a Educação Integral e Estética dilata a sensibilidade de educadores e estudantes na prática educativa para a efetivação da tolerância e respeito às diversidades acima citadas? Aquelas aulas-oficinas, que tu trabalhas com os graduandos, poderiam ser desenvolvidas e adequadas ao Ensino Fundamental II?

Lembro-me de tua luta por uma sala na Universidade para realização de atividades estéticas; o quão dificultoso está sendo conseguir esse espaço! Na nossa escola de tempo integral, estamos carecendo de muitos espaços, uma vez que está passando por uma reforma e com a escola funcionando: pense no caos! Estou elaborando um relatório sobre os desafios da Educação Integral em nossa escola.

Tu fizeste algumas perguntas intrigantes e inquietantes que de fato revelam a prática educativa de cada educador, na carta que me enviaste. Acredito numa educação emancipadora que dá suporte aos filhos das trabalhadoras para enfrentar as injustiças que perpassa a nós, trabalhadoras e trabalhadores.

Tento incorporar uma educação que tem o foco na superação das desigualdades sociais e econômicas, que contribui para que estudantes, professores, funcionários e pais possam educar-se para a tolerância e respeito ao diferente; uma educação que prepara o cidadão para respeitar o homossexual, a lésbica, os transgêneros, as negras e os negros, as mulheres, o seu corpo; que respeita as diversidades, étnica e religiosa. Quero uma educação humanitária, que desabrocha sujeitos para a paz, para o acolhimento do imigrante e dos refugiados das guerras; uma educação que faça seres insurgentes às ordens vigentes, “nada parece impossível de mudar”. Quero uma escola da prática, da pesquisa, do acolhimento, que prepara o estudante para ler o mundo, ler – como diz Clarice Lispector – a entrelinha, o que não está sendo dito, o silencioso e o não dito.

Ana Moraes, como estão o doutorado e tua tese? Poderias sintetizar a Educação Estética na qual tu estás a pesquisar e implementar. Estou fazendo um curso sobre Se-

quência Didática de uma resenha e fui orientado a ler um artigo sobre essa temática.

Amiga, aquele estudante de que mencionei não vem mais dormindo, mas também tem muita dificuldade em concentrar-se para fazer as atividades escolares rotineiras. Já fizemos várias intervenções, conversamos individualmente, deixamos em reflexão individual na sala de reuniões, conversamos com a tia e o irmão dele. Quero lembrar que ele não vive com a mãe; ela está comprometida mentalmente devido ao abuso de substâncias psicotrópicas. Soube que o pai, que é ausente, distante, também está comprometido devido ao abuso do uso de drogas. Essa é a realidade na qual o estudante está inserido. Nós, como escola, não sabemos mais como agir, pois todas as intervenções já foram feitas. Ademais, a situação familiar necessitaria da intervenção do Estado. Não desisto, entretanto, e vou tecendo fios de sonhos na minha prática educativa. Estamos tentando, ele junto com outros estudantes, levar em frente o projeto “Pinte o 7”, promovendo a paz.

Nesses dias chorei, porém, o choro me fez me sentir, não mais professor, uma máquina de conteúdo, mas sim gente, suave e sensível e, como cearense que sou, fui ficando mais forte. Foram testemunhas desse meu ato humano os próprios estudantes. Alguns choraram, outros sensibilizaram-se, outros permaneceram indiferentes.

Termino aqui essa epístola pedagógica e emotiva, desejando paz para ti, para nossos estudantes e para a humanidade.

Abraços,

**Darlan Lima.**

Fortaleza, segunda-feira serena de 12 de outubro de 2015.

Dia da criança!

Prezado Darlan,

Início esta tomando como guia as palavras finais da tua derradeira carta, em que você relata seu incontido choro em sala de aula. Sim, o acúmulo de situações estressantes pode tê-lo levado a um esgotamento mental e emocional. Não é fácil. Nem lidar com nós mesmos, nem lidar com grupos de estudantes ou de professores. Somando-se a isso, persistem as condições precárias de trabalho e infraestrutura que tanto as escolas como as universidades públicas nos sujeitam. Aí, meu amigo, não tem estrutura emocional que se sustente, não é mesmo? Também já vivi esgotamentos desse tipo. E tem horas que dá vontade de sair correndo! Então, a voz do compromisso fala mais alto... E acabo ficando. Na labuta para que essa realidade se transforme.

Como seres sensíveis que somos, estamos sujeitos à assimilação de todas as intempéries de nosso contexto socioeconômico, político, cultural, existencial etc. E é na intenção do aperfeiçoamento dessa dimensão sensível que a perspectiva da educação estética entra em ação, pois é propriamente à educação dos sentidos humanos que a Educação Estética se direciona. Ao nos referir aos sentidos humanos, necessariamente, tocamos na Educação Integral, pois os sentidos – tato, paladar, visão, audição, olfação – tendem a mobili-

zar o corpo inteiro. Por isso insisto nas proposições para a formação docente, pois compreendo que a formação inicial (universitária) e contínua poderá favorecer a dilatação dessa Educação Estética, dos educadores e de seus educandos.

Buscando responder à sua indagação sobre o que é educação Estética, diria que a entendo como rigoroso processo de produção de subjetividades, de nutrição da dimensão sensível das pessoas em que a percepção das coisas e de si mesmo é ampliada; e em que as sensações (corporais – olfativas, gustativas, visuais, auditivas e táteis – e emotivas), que marcam sua presença no mundo em interação com os outros e com o ambiente, se tornem dilatadas.

A Educação Estética de docentes e de estudantes exige, ao meu ver, uma proposta pedagógica de caráter antropofágico (MORAES, 2016) que abranja integralmente ações de ensino-aprendizagem, pesquisa e também de uma oferta contínua de políticas públicas de cultura que transcendam os limites da universidade e das escolas, e permeiem o acesso cotidiano desses estudantes e professores a vivências estéticas significativas e a produtos culturais, capazes de ensinar a dilatação da sensibilidade e a ampliação de saberes deles.

Mas sei que o acesso a tudo isso tanto depende das possibilidades formativas concretas desses educadores – políticas de formação continuada, além da existência de espaços culturais, acessibilidade à *internet* cotidianamente, dinheiro para adquirir ingressos de espetáculos, cinema, teatro, livros, DVD, CD etc. – como também depende em boa medida de uma busca e uma reivindicação pessoal, pois sem esse desejo de conquista de saberes e vivências culturais,

não temos como impor uma formação estética ampla, muito menos fazer mágica e tornar todos os professores grandes mediadores culturais ou pessoas sensíveis e com percepção aflorada.

Muitas vezes exigimos demais de nossos alunos – mais leitura, atenção, fineza, disciplina e foco nos estudos, sensibilidade e tantas outras coisas – mas, nós mesmos não alimentamos isso em nossos processos de aprendizagem. Quantos docentes você conhece, Darlan, que não têm o hábito da leitura? Eu conheço alguns... Então, se é pra falar ou proporcionar uma Educação Estética a estudantes na escola e na universidade, é essencial que nós, docentes, nos preocupemos bem mais com nossa própria formação, para podermos realmente oferecer algo substancial, enriquecedor do repertório desses estudantes. Como eu poderia, por exemplo, trabalhar com teatro na universidade sem ter, sequer, assistido a distintos espetáculos, a ter experimentado fazer teatro por via de cursos, oficinas, grupos de que fiz e faço parte? Como alguém pode desenvolver Educação Musical numa escola sem ter noção de ritmo, tempo, harmonia, melodia etc. – noções do campo de saber musical?

E a respeito do que você indaga, sobre como a Educação Estética pode favorecer o trabalho com as diferenças e o combate aos preconceitos na escola, eu diria que se um educador vai aperfeiçoando sua percepção e sua sensibilidade com suporte em um olhar atento ao mundo, às relações sociais de seu tempo, aos sofrimentos e violências que um preconceito pode causar em alguém, se este mesmo educador aprende a se pôr no lugar do outro – sendo este um

princípio ético – acredito que isso poderá ter repercussões positivas nas práticas educativas e nos discursos desse profissional; principalmente porque ele lida com grupos cotidianamente e sua intervenção pode ensejar transformações atitudinais nos alunos.

Durante mais de dez anos de atuação na universidade, venho observando a emergência de uma Educação Estética via processos arte-educativos no âmbito da formação inicial de pedagogos, que lhes garantam acessos a elementos artístico-culturais diversos possibilitando uma apropriação cultural e ampliando, assim, seu repertório de saberes; sendo que essa observação tem origem em minha própria trajetória formativa, pois vi o quanto aprendi com distintas vivências e estudos referentes aos meus campos de atuação.

E essa educação de bases estéticas é processual, não é algo dado de imediato, nem é criada por um passe de mágica. Ela requer dos educadores uma busca contínua e um interesse por vivências e saberes instigantes, que dêem vivacidade e significado à sua existência.

Entendo, Darlan, que um projeto de Educação Estética inicial de docentes precisa garantir um repertório artístico-cultural amplo aos estudantes universitários, bem como valorizar os repertórios pessoais prévios ao ingresso na Universidade, com o intuito de que estes desenvolvam, progressivamente, aprendizagens significativas que fundamentem suas ações, como futuros docentes. Essa ampliação de repertório tanto envolve a vivência de experiências concretas como de fundamentação teórico-filosófica. Isso pode ser concretamente viabilizado, acredito, pelo caminho das

Artes e de sensibilizações variadas – debates, relações interpessoais, eventos festivos e/ou acadêmicos compartilhados etc. Reforço a ideia de que essa viabilização é processual, por vezes lenta, ininterrupta.

Com tudo isso, reitero a noção de que o docente tem, sim, que possuir Educação (estética, ética, política, sexual etc.) para que este tenha condições de exercer processos educativos mais consistentes, o que poderá ensejar um “efeito cascata ou dominó”, atingindo seus educandos com um interessante trabalho estético-educativo. Um educador precisa assumir-se protagonista do processo educativo da sociedade. Justifica-se aí a necessidade de esse profissional ter um nível elevado de Educação Estética. As crianças merecem isso. Crianças precisam e gostam de adultos/educadores interessantes, criativos, que conseguem dialogar com elas, brincar, ralar (no sentido de uma referência de autoridade), dar carinho e atenção.

As intenções de Educação Estética numa instituição, meu amigo, precisam se sustentar na premissa de que o ser humano, como ser complexo, requer uma proposta educativa que estimule seus vários sentidos, abrindo-os à aprendizagem, seja por meio da cognição, seja por via psicomotora, seja ainda pela sua capacidade de apreender o mundo pelas múltiplas sensações proporcionadas pelo corpo em interação com o meio ambiente. Para tanto, é preciso haver interlocutores, dialogar com pares, alimentar as forças reflexivas e proativas, que direcionem as propostas de Educação Estética.

Nessa direção, a imersão cultural é algo essencial ao mergulho em um dado campo de saberes (culturais), pro-

pício ao aperfeiçoamento estético, tendo-se em vista que imersão pressupõe: continuidade das ações formativas; densidade dos saberes apreendidos; experimentação estética; interlocuções (diálogos); reflexividade; produção, apreciação e análise de produtos artísticos. Então, meu amigo, sempre que você tiver notícias de espetáculos teatrais, musicais etc., e também indicações literárias, de filmes, já me comunique e me convide. Sinto-me aberta a estas experimentações. Como docente, pretendo estar sempre assim, desejosa de vivências e de instigantes aprendizagens.

Sobre a Educação Estética, é importante destacar ainda que não há possibilidade de homogeneização, pois existem as singularidades das pessoas, constituídas com base em suas histórias de vida e repertórios pessoais (suas imersões culturais), bem como de aspectos biofisiológicos e de personalidade, uma vez que o exercício dos sentidos humanos requer, por exemplo, que os órgãos dos sentidos (ao menos alguns deles) estejam em funcionamento.

É fundamental se ter a percepção das interconexões, transposições, diálogos entre os saberes da história de vida dos futuros pedagogos, das experiências estéticas cotidianas, dos diversos elementos de seu contexto sociocultural, dos saberes latentes destes, que se constituem com origem em ações contingentes, de certo porvir na perspectiva de que os processos criativos se exerçam constantemente, não de modo linear e estável, mas de modo, muitas vezes, imprescindível, desordenado, caótico; tendo-se em vista que os saberes são múltiplos e advêm de fontes também múltiplas, como diria Tardif (2007).

Nós, Darlan, como docentes, precisamos adquirir consciência de nosso papel e do próprio repertório cultural, além de desenvolvermos percepções sobre o mundo e a respeito de nós mesmos.

Com todos esses elementos em contínua articulação, nós docentes podemos aperfeiçoar as intervenções educativas junto aos nossos grupos de estudantes e favorecer experiências estéticas em meio a aprendizagens variadas e que se tornem significativas para os estudantes. Essa gama de saberes, ao serem mobilizados, tende a ampliar a percepção, os sentidos e a criatividade destes e isso é o que torna nosso trabalho importante, pois, de algum modo, ele pode atingir as mentes, os corações e, enfim, o corpo inteiro dos educandos. Positiva ou negativamente – isso vai depender dos valores, ideologias, preconceitos todos que cada profissional possui.

É assim, amigo, que percebo o grandioso poder transformador que temos. Por isso que Paulo Freire tanto insistia no imperativo da formação de educadores, críticos, atentos ao mundo, sensíveis, éticos. Ele dizia que era preciso se ter “Decência e boniteza de mãos dadas” (2006), ou seja, ética e estética sendo tomadas como princípios que permeiam nossa intervenção no mundo.

Toda essa verborragia pode ser encarada por alguns como devaneios de uma docente sonhadora. Mas o que seria de nós sem a capacidade de sonhar? O sonho é o que nos move, pois nele está o combustível do desejo humano e sem esse combustível não fazemos história, não atribuímos significado à nossa existência. Teríamos humanidade sem

nossa dimensão onírica? No meu entendimento, a resposta para essa pergunta é NÃO!

O que o move, Darlan? O que dá sentido à sua existência? O que o faz insistir no campo educativo, como docente? Que sonhos você alimenta? Com base nestas e em tantas outras indagações possíveis, você se perceberá refletindo sobre suas escolhas, desejos/não desejos, alegrias e desventuras profissionais e/ou pessoais. Engrenagem crítica e caótica esta nossa capacidade reflexiva!

Todo esse nosso papo me remeteu a duas coisas que desde o início de nossas correspondências vêm sendo anunciadas: Educação Integral e Educação em tempo integral; mas esses anúncios são elementos para outras preocupações e epístolas nossas.

Grande abraço, querido.

**Ana Moraes.**

**Fortaleza ensolarada, 21 de dezembro de 2015,**

Aproxima-se do natal!!

Ana Moraes, querida,

Depois de uma parada nessa antologia epistolar, retorno a ti, minha amiga, para conversarmos e no entretenimento da vida pela escrita, vamos nos constituindo gente, esse bicho angustiado que sempre vagueia em busca de sentidos para a sua existência nesse pequeno espaço-Terra.

Hoje, não almejo grandes feitos, nunca almejei, desejo um mundo mais livre, justo e pacífico no qual nós possamos conviver tranquilamente com o diferente. Por que é tão difícil aceitar o outro? Quero começar por aceitar a mim mesmo e conviver com os que me rodeiam pacificamente, aceitando-os em suas diferenças e concepções. Quero ser pluma ao vento, suave, livre e leve.

Li seu tratado, que você discorreu brilhantemente; apropriei-me de fato da Educação Estética, que anseio e tento insistir em minha prática docente porque muitas vezes a máquina escolar mercantil nos corrói e nos faz educadores repetidores de fórmulas: repetir, repetição, memorização.

Então, a Educação Estética é o processo pedagógico que visa a aguçar a sensibilidade e a cognição por meio das diversas atividades que o ser humano construiu e se constituiu ao longo do tempo, artes em sua totalidade, espiritualidade e ciências juntas em busca da formação e do desenvolvimento pleno do ser humano.

Trabalho em uma escola que é de tempo integral e me assusto porque o desenvolvimento dessa totalidade no ser humano passa longe. Quero essa Educação Estética no espaço em que trabalho e como política pública executada na escola, pois não concebemos uma Educação em tempo integral que é só repetição, programa, horários, conceitos e hora/aula formal; raros são os episódios de uma Educação em Arte, em Música, em Pintura, em Geometria prática, em poesia cotidiana, em campo. Uma aula que aguce a espiritualidade, a calma, a tranquilidade, a emoção e seu controle. Uma aula que observe a natureza em sua plenitude, que observe e contemple a nós como parte dessa natureza. Educação integral não é só ampliação de horas-aulas com um intervalo para o almoço; são ampliação do tempo pedagógico com aquelas diversas atividades citadas, além da dança, dos ritmos, dos silêncios, do ócio.

A ideia de educação que ainda perpassa em nós professores é aquela de que aluno estudando é aquele que está sentado na carteira, calado, e escrevendo alguma coisa. Tem professor e diretor que acha que a antiga cópia ainda “é uma bela forma de aprendizagem no espaço escolar”. Também é “bom recurso para punição”, quando há algum conflito entre estudantes, os colocam para escrever um texto enorme. Que absurdo!!!

O nosso sistema educacional em âmbito municipal, apesar de possuir documentos muito bem elaborados, que defendem teorias e práticas pedagógicas inovadoras, é só bonito na escrita, porque há dificuldades em transpor para a prática tais orientações. Num desses, fala-se muito em protagonismo juvenil, que é um dos motes inovadores e filo-

sofia da escola de tempo integral, mas as reuniões com os estudantes sempre são tuteladas pelo diretor da escola, não os deixam alçar voos com medo de que os estudantes-pássaros possam voar muito alto e fugir para o mundo do sem-fim onde serão mais livres e mais humanos. Em outro fato, precisou eu ler o regimento das escolas em tempo integral, sobre o acompanhamento dos estudantes, pois o coordenador, com o aval da diretora, queria transferir um discente a qualquer custo. Foi uma celeuma, porque eu disse que não era necessário, visto que o caso não era dos mais graves, há outros métodos pedagógicos mais eficientes e a própria Secretaria Municipal de Educação não trabalha com esse tipo de método: transferência de estudante como punição.

O cotidiano escolar me sufoca porque reproduz uma escola aos moldes das fábricas do começo do século XIX; as fábricas mudaram e a escola continua ainda engessada, até eu também estou engessado, querendo dar golpes fatais de revolução no espaço escolar e também dentro de mim.

Mas “não vou me adaptar”, como diz a música<sup>4</sup>. Uma educação em tempo integral tem que ser um espaço formativo e reflexivo, voltado para o cognitivo e o sensível, as aulas têm que contemplar o ser humano e suas dimensões sensoriais. Lembro-me de uma feira de ciências na qual todos os estudantes se envolveram e apresentaram experiências maravilhosas e os estudantes do sexto ano apresentaram na ponta da língua suas observações, foi uma festa da intelectualidade, a escola deveria ser cotidianamente essa festa da intelectualidade.

---

4 Música “Não vou me adaptar”, dos Titãs.

Como superar o programa engessado que nos é imposto? Esse é o desafio, penso que a responsabilidade de superá-lo não é só exclusivamente do professor, muitos de nós achamos que o professor deve inovar, estudar, atualizar-se para superar as teorias ou práticas conservadoras. Individualmente, essa busca já acontece, reflexo das políticas de planos de cargos e carreira, que exigem dos professores capacitação, qualificação em forma de titulação para alcançar melhores salários. O caminho para a superação de um currículo que não mais diz nada é coletivo, estamos passando por uma reforma curricular em âmbito nacional, como nós professores estamos participando?

No Município de Fortaleza a maioria dos professores é especialista, mas ainda alguns resistem em reproduzir fórmulas conservadoras. Penso que é dever do Estado formular políticas que provoquem a ação docente a superar velhas práticas e ancorar-se nas novas tendências pedagógicas. Nesse caso, seria uma política de formação permanente em serviço.

Na área em que atuo existe a formação em gênero textual, que busca propor um ensino produtivo em língua portuguesa por meio de texto porque falamos por via de textos, nos comunicamos por intermédio de textos orais e escritos, mas é difícil transpor teoria para a prática sem rigor, disciplina, acompanhamento e avaliação do processo. Até eu estou encaixado e engessado. Às vezes me vejo reproduzindo velhas fórmulas aí, me vejo de perto e me rejeito, fazendo rebelde de mim mesmo, vou tecendo fios de sonhos em busca de uma aula mais produtiva.

Conto a ti uma experiência: procuro levar sempre panfletos, encartes e jornais para a sala de aula, sempre que entro numa loja, farmácias e supermercados e vejo os encartes, panfletos e anúncios os pego e os levo para a sala de aula e leio-os com os estudantes, aí me vejo fazendo um ensino produtivo da língua portuguesa, o ensino da língua viva que circula socialmente. Os estudantes perguntam se estou fazendo propaganda ou trabalhando para tais estabelecimentos, eu digo, claro que não! E eu vou explicar que ali naquele suporte de texto, há língua portuguesa. Assim vou desconstruindo o ensino do doutor de outrora pautado numa gramática normativa com vista à memorização. Mas é na voz do Grande Poeta Patativa do Assaré que vou tecendo os fios de sonhos da Educação:

Seu dotô, só me parece  
Que o sinhô não me conhece  
Nunca sôbe quem sou eu  
Nunca viu minha paioça,  
Minha muié, minha roça,  
E os fio que Deus me deu.

(...)

Se não sabe, escute agora,  
Que eu vô contá minha história,  
Tenha a bondade de ouvi:  
Eu sou da crasse matuta,  
Da crasse que não desfruta  
Das riqueza do Brasil.

A nossa educação é gestada por aqueles que muitas vezes não conhecem o processo educacional, nunca pisaram na escola e não estão irmanados com os clamores e anseios dos que participam e protagonizam a Educação.

A Educação Pública da qual participamos e nela colaboramos como servidores deve, sobretudo, superar as desigualdades sociais e permitir que os nossos estudantes, filhos das trabalhadoras, desfrutem das riquezas de nosso Brasil por meio do ensino de qualidade, baseado na superação da pobreza e na conquista da dignidade e dos direitos humanos.

Nós professores, gestores, secretários de Educação, muitas vezes, não estamos preocupados com essas bandeiras. A nossa escola tem o papel fundamental de educar para a cidadania, fazendo com que os estudantes aprendam a Matemática elaborada juntamente com a matemática da vida, forjando um ser que reflete seu entorno, acolhendo o diferente. A Educação dos doutores voltada para aqueles que são “sem luz” ou sem instrução ou educação já está superada; queremos uma educação em que aprendemos juntos. Em Português, por exemplo, em vez de priorizar um ensino de regras gramaticais, devemos refletir a língua que falamos no dia a dia, o nosso jeito de falar local com nossas marcas linguísticas, somadas aos outros falares que vão se completando e formando essa seara que é a nossa língua portuguesa tão diversa.

Uma educação aprendida e gestada no chão da escola é uma educação que se preocupa com as dificuldades dos estudantes e com seu entorno, sua cultura e da comunidade, seus saberes individuais e locais em detrimento da política

de gabinete, gestada por técnicos que nunca pisaram na escola ou não participam da vida desta, ou não estão irmanados dessa vida, dessa labuta, dessa lida.

A Educação nesse sistema é uma eterna labuta porque não valoriza os profissionais por meio de formação em serviço; não paga salários justos aos profissionais da Educação; não valoriza o estudante e sua família como parte da escola, sujeitos que participam e interferem nas suas decisões e não fazem da escola um lugar gostoso de se estar.

E o que dirá do professor, estamos sucumbindo, parece que estamos sozinhos.

Estou nesse momento de licença saúde, minha voz deu sinais de cansaço e sucumbiu. Tive que ter repouso vocal e acompanhamento fonoaudiológico.

Já vi muitos colegas chegarem ao esgotamento físico e mental e não vi ainda uma política de saúde voltada para nós, professores. Sei, entretanto, que é sonho, se não há uma política de saúde pública eficiente e de qualidade que atenda as demandas da população e o que dirá os planos de saúde da classe média, dando sinais de cansaço também. Estamos abandonados pelo poder público?

Termina o ano de dois mil e quinze e vem-me uma reflexão: precisamos aguçar nossos sonhos e nossa esperança para que não cheguemos ao esgotamento físico e mental, pois sem esperança e sem sonho nosso corpo apodrece e perde a calor da vida que pulsa em busca de significados e de beleza nessa caminhada, nessa lida. Precisamos de sonhos para viver e para educar.

Termino desejando feliz vida, que o Menino Deus possa revitalizar e nos renovar em sonho e esperança a humanidade.

Abraços fraternos,

**D.L.**

**Fortaleza chuvosa de carnaval, 08 de fevereiro de  
2016.**

Prezado amigo,

Sendo esta a primeira carta de 2016 que remeto a você, principio desejando um ano de afetos, de trabalhos, de vida plena e alegre, sempre regado de significados enriquecedores para você, para nós.

Reli sua última carta, datada de 21 de dezembro de 2015 e pensei: “quantos dias já se passaram e só agora pude, inteiramente, sentar e escrever!”. Não tem sido fácil estar inteira e se dedicar ao cultivo de uma amizade, a um ente familiar ou mesmo a um trabalho de escrita. É que nosso tempo tem sido sempre tão preenchido, tão cheio de informações, de afazeres, mas também de lazeres, que quase não priorizamos um tempinho para refletir, para sentir, para pensar no outro ou em coisas tão essenciais como a Educação.

Ainda assim, vejo o quão importante é esse texto que estamos elaborando, pois, mesmo com tantos apelos de coisas que nos descentram, criamos ânimo para trazer à tona aspectos do cotidiano de nossos trabalhos pedagógicos na escola e na universidade. Apurar uma atitude crítica e proativa – em nós e em outras pessoas que se preocupam com a Educação – é um grande motivo que me impulsiona para a continuidade deste exercício de escrita poético-acadêmica e das ações pedagógicas que desenvolvo.

Esta sua carta, tão intensa de significados sociopolíticos, éticos, poéticos e pedagógicos, acionou em mim muita angústia, ao perceber que nossa vontade de intervir é tão grande em meio ao engodo de uma política educacional que parece “cortar as nossas pernas”, castrar o nosso desejo de vivenciar algo diferente, revolucionário; um contexto que insiste em dar pouco a quem não tem quase nada, que limita nossas possibilidades como educadores, por não garantir acesso a um mínimo necessário para realizarmos nosso trabalho a contento.

Várias escolas públicas do Ceará vivem esse constante estado de precariedades. Mas também as universidades públicas estaduais. Observo nossa condição estrutural – bibliotecas sucateadas, necessidade de reforma e ampliação da Faculdade de Educação em que trabalho, numa cidade média do Ceará, dentre tantos outros problemas – e tenho raiva dessa lógica provinciana a que as históricas gestões governamentais submetem as três universidades públicas do Estado do Ceará. Basta visitar umas duas universidades de outros lugares do Brasil para perceber o que estou tentando mostrar. Atualmente, na UECE, nem mesmo dinheiro para por combustível nas vans da instituição se tem. E as aulas de campo que venho sonhando em realizar com os estudantes, futuros pedagogos? Você sabia que eu tenho vários estudantes que, sequer, nunca vieram a Fortaleza, capital do Estado? E a cidade onde trabalho fica a apenas 130 km da Capital! Imagine a limitação cultural a que esses jovens são submetidos? Como posso exigir que eles possuam enorme repertório cultural se, nem por si mesmos, nem com o apoio da universidade, têm condições de ampliarem suas experiências

socioculturais? Sim, Darlan, porque uma aprendizagem significativa requer experiências significativas, vivências concretas, que sejam sentidas, cravadas na carne da memória de cada educando e educador. A experiência, diria Dewey (2010), é o fundamento primordial de todo e qualquer processo educativo.

Hoje só consigo me perceber como mediadora de aprendizagens numa perspectiva de materialização dos saberes ditos teóricos, tentando possibilitar uma comunhão entre saberes teóricos e práticos, entre o mundo das ideias e o da vivência concreta, tangível. E como, então, realizar esse projeto educativo no quadro conjuntural por nós esboçado?

Alguns técnicos dos governos, a esse respeito, diriam: “seja criativo!”. Em outras palavras, eles, intimamente, dizem: “virem-se! Não quero nem saber de suas angústias!”. Definitivamente, não devemos assumir culpas pelas falhas e ausências da humanidade, ou, mais precisamente, desses gestores, que insistem em atribuir todas as responsabilidades a nós, professores! Há um complexo conjunto de problemas que envolvem variadas pessoas e suas instituições. As faltas – de prioridade, de sensibilidade em relação à Educação – não residem exclusivamente em nós. Dessa culpa cristã já estou liberta há muito tempo. Sei, entretanto, que temos muita responsabilidade, se temos compromisso, sincero e profundo, com cada educando e com nós mesmos. Temos que agir, sim, com uma competência profissional regada a sonhos. Os sonhos mais nobres, mais utópicos, mais intensos.

Faiga Ostrower (2009) dissemina uma ideia de que gosto muito, quando diz que *formar é dar forma a algo*. Ao

pensarmos em formação, temos em mente uma perspectiva para esta, ou seja, queremos criar forma com base em um projeto educativo. Se esse projeto for permeado por uma dimensão utópica e, ao mesmo tempo, por uma vontade política dos gestores em parceria com educadores, veremos possibilidades de ver algo acontecendo, no despertar da aurora.

Na universidade, nos últimos anos, também vejo outras forças que vêm, de certo modo, sobrecarregando e embaçando a atuação de muitos docentes. É muito comum eu ouvir, diariamente, queixa de meus colegas por conta do excesso de tarefas e pela cobrança para se publicar artigos em revistas renomeadas e, principalmente, com uma avaliação da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) – Qualis A1, A2, B1, B2 – e, se algum deles não consegue espaço nessas revistas, tende até a ser tachado de incompetente! Tamanho é o carimbo da CAPES na testa do professor! Assim, percebo o cotidiano do trabalho docente da minha universidade – e em universidades de todo o País – sendo manipulado pelo espectro dos Qualis CAPES! Só se vê professor atropelando suas tarefas de ensino, pesquisa e extensão para se dedicar à escrita de artigos publicáveis em revistas – e estando ele com sorte – bem avaliadas pela CAPES! Uma dupla opressão: a submissão desses professores para a produção em série de artigos e a consequente desatenção destes, relativamente ao ensino de graduação e às ações extensionistas.

Não tenho como medir isto, mas acredito que a repercussão que essa pressão pode causar na qualidade da formação em nível de graduação pode ser devastadora, com

professores menos interessados nas formações dos estudantes e mais assoberbados em escrever, no mínimo, dois artigos por ano para provar a todos, mas principalmente para a CAPES, que tem competência.

Que lógica louca, essa, não é, Darlan? A mesma lógica da produtividade das fábricas, que você denuncia que existe nas escolas, é vivenciada também nas universidades.

Sinto-me presa nessa teia de relações produtivistas e também me vejo submetida e acostumada a essa lógica, num misto de alienação, de desejo de me mostrar competente e, ao mesmo tempo, de transgredir a tudo isso, fugindo para um lugar em que CAPES seja apenas uma singela sigla para representar – Condição de Abertura à Plenitude, com Educação e Saúde para todos e todas.

Beijos, querido.

**Ana Moraes.**

Fortaleza, 06 de junho de 2016: quero a suavidade das flores.

Ana Moraes,

Depois de quase três meses, li sua carta. Estava desanimado para epístolas pedagógicas. Ainda estou de licença saúde. Em anos de magistério consegui muitas realizações, mas adquiri um cisto nas cordas vocais e precisarei sempre fazer fonoterapia.

Estou afastado da sala de aula, porém reflito muito sobre Educação. Acompanhei a greve dos professores municipais por melhores condições de trabalho e salários. Muitas escolas municipais foram retratadas em situações precárias – em fotos – pelo movimento paredista nas redes sociais. O prefeito não quer repartir os precatórios do Fundef para os professores e a questão está judicializada. Seria tão fácil dividir o dinheiro conosco – os professores – até para nos motivarmos mais. Esperemos a justiça! Que ela não tarde e nem falhe!

Enquanto isso, entoemos o nosso acalanto para nos aninhar nessa vida-escola tão sedenta e feroz. Atualmente, muitos professores estão como eu, adoecendo. O desafio para o futuro é uma política de saúde para os professores, pois muitos estão perdendo a voz e a razão. A depressão e o estresse estão consumindo a nós professores.

Vejo também muitos professores universitários cansados e exaustos para acompanhar a graduação, a pesquisa e

a extensão. Ainda existem aqueles que querem retirar o tempo de planejamento do professor. Você relatou o descaso do governo estadual em relação ao ensino universitário. Ana, foram anos de sucateamento das universidades públicas, inclusive a universidade estadual. A luta de vocês, ou melhor, a nossa luta é histórica. Quando era adolescente, lembro-me das greves nos noticiários e nas reuniões: sempre faltavam professores! Quando contratam é por meio de seleção e não realizam concurso, daí, mais precarização. Sem contar a estrutura física. Fui ao Centro de Humanidades – CH – da UECE. Estão reformando-o. Ali, no bairro de Fátima, essa era uma demanda de décadas. E como estão as faculdades interioranas? Falta uma política de Educação universitária mais efetiva, que contemple as demandas dos estudantes, professores e funcionários. Fui à biblioteca da UECE, no CH, para entregar a minha versão da monografia e a porta da biblioteca quase não abre de tão histórica. E o currículo que ainda está engessado. Não contempla as novas tecnologias, o meio ambiente, as diversidades sexuais, de gênero, as sensibilidades humanas, artísticas e espirituais. E muita razão e menos emoção. Se isso ocorre na universidade, nas escolas estamos órfãos de aulas de campos, de laboratórios, bibliotecas, de um ensino mais construtivo e emancipatório. O que nos resta: a esperança. Vamos tecendo fios de sonhos nos espaços onde estamos. Às vezes me desanimo, mas busco forças dentro de mim e no cosmo e me reinvento, às vezes, não e fico oco, desiludido das coisas.

Tenho a certeza de que um país em que seus professores dispõem de tempo para planejar, pensar e refletir é um país que ganha em desenvolvimento humano e científico.

A nossa conjuntura está muito difícil, com o golpe político-jurídico e midiático que afastou a Presidenta eleita. Estamos vendo o governo interino retirar direitos e ameaçar tantos outros. Secretarias importantíssimas foram extintas, até ministérios. Não sei para onde vamos. Os investimentos em Educação cessarão. Tudo pro “deus-mercado”.

Programas de universidades estão também com dias contados. Um deles é o Inglês sem Fronteiras. Como desenvolver o País se o governo golpista quer retirar direitos e não quer investir nos direitos sociais?

E agora esses projetos conservadores que estão na Câmara Federal, um deles proíbe o professor de fazer debates sobre a realidade social – o projeto “Escola sem partido”, não querem que nossos alunos discutam e se tornem conscientes de seus direitos. Dizem que estamos levando ideologia para dentro da sala de aula. E a ideologia dominante do capital que exclui, mata de fome e frio?

Precisamos nos resignificar, continuar nas trincheiras da luta por melhores condições de vida. Nunca foi fácil para nós das classes trabalhadoras conquistarmos nossas realizações, contribuindo para um mundo mais justo. E uma das formas é mantermos laços de fraternidade e resistência, pois só a luta muda a vida.

**Darlan Lima.**

**Fortaleza, 12 de agosto de 2016, em meio às  
Olimpíadas no Brasil.**

Darlan,

Seu problema de saúde vocal me fez criar uma metáfora que traduz claramente o estado de degradação e opressão que a categoria docente vivencia no Brasil: um contexto socioeducacional que proporciona o adoecimento dos professores, seja mental, seja fisicamente e, em consequência, tenta calar o grito contido, porém tão necessário para “salvamos” a Educação em nosso País. Querem nos calar o grito, mas não podem calar o coração! Querem nos impor calos, tumores, depressões, mas a pior das doenças é a cegueira dos gestores que não têm a sensibilidade para perceber que Educação e Cultura são os setores das políticas sociais basilares para o fortalecimento identitário e a dignidade de um povo. E infelizmente esses gestores cegos e insensíveis são muitos e criam uma rede contagiosa de incompetências, corrupções, insensibilidades.

A greve da UECE já ultrapassa três meses e o Governador, com sua cegueira e incapacidade de dialogar com o movimento docente, vem se esquivando das negociações e resolução de nossa pauta de reivindicação que, em geral, trata de elementos primordiais para a oferta de um Ensino Superior, público estadual, de qualidade: efetivação de professores, reformas da estrutura física de algumas faculdades

interioranas, reajuste salarial, dentre outras demandas. Nada de excepcional ou fora das reais necessidades da Universidade.

É, vivenciamos um cenário político-cultural desolador. No cenário estadual mais propriamente, ao observarmos as prioridades governamentais, percebemos grandes aberrações: o governo diz que mais urgente do que investir em Educação é encontrar soluções para os problemas da seca no Estado; entretanto, milhões de reais de nós, contribuintes, continuam sendo escoados como um grande vazamento de água potável, seja para obras faraônicas como o “Acquário”, seja para outros destinos que muito favorecem as empresas aliadas ao governo e só nos trazem secura: de esperança, de políticas sociais sérias, de dignidade.

Você fala em futuro, eu imploro pelo presente no referente à política de saúde para os professores. Temos aí o ISSEC<sup>5</sup>, para atender a todos os servidores públicos estaduais cearenses, um sistema sobrecarregado que não consegue atender todas as demandas da saúde de seus servidores e familiares. Um sistema que é descontado todos os meses em folha, mas que dele, efetivamente, não temos acesso a contento. Por diversas vezes voltei pra casa sem atendimento médico por ter se esgotado a “cota” de atendimento do dia ou do mês. Uma aberração isto, pois, se cada servidor, em tese, tem direito a até duas consultas por mês, como é que, quando esporadicamente, eu preciso não consigo atendimento? É assim que, sutilmente, nossos direitos sociais, mesmo sendo pagos por nós, vão sendo negados. E para

---

5 Instituto de Saúde dos Servidores do Estado do Ceará.

onde é destinada toda essa arrecadação mensal de cada servidor estadual? Quero saber. Procurarei saber. Quero restituição de tudo o que contribuí até hoje. Creio que ficaria rica!

No seu caso, que possui o IPM<sup>6</sup>, talvez seja um pouco mais tranqüilo esse acesso, pelo número de servidores municipais ser menor que os estaduais.

De qualquer forma, o fato é que esse contexto socio-político em que exercemos nossas ações docentes são, sim, solidamente prejudiciais à saúde. Até mesmo um momento de greve tende a deixar os docentes tensos, de certo modo pressionados a buscar uma resolução plausível às reivindicações, além da vontade de retornar à sala de aula, ao trabalho pedagógico junto aos estudantes; isto é o que, no fundo, me revigora e é o que traz significado ao meu trabalho docente.

Com todas as suas queixas, meu amigo, vejo o quanto as demandas, as doenças e também as (des)esperanças dos docentes, sejam eles de instância municipal, estadual ou federal são parecidas!

E o que nos resta senão conquistarmos a “cura” de todos esses males por meio da união desta categoria nas lutas cotidianas?

Saúde, Darlan!

**Ana.**

---

6 Instituto de Previdência do Município.

**Fortaleza, 24 de outubro de 2016.**

Fora Temer!!! Em defesa dos direitos dos trabalhadores, sempre!!!

Ana,

Sob um governo ilegítimo, fruto de um golpe jurídico-parlamentar, escrevo-te. Tenho que falar porque só o falar nos salva das agruras que nosso País está vivendo. Retrocessos e retiradas de direitos vão se intensificar!

Estou readaptado. Estou lotado na biblioteca porque minha voz deu sinais de cansaço, mas continuarei uma ópera silenciosa em meio às tiranias de um governo que retira direitos dos trabalhadores. Minha voz fadigada com a tua e com o grito dos outros atores sociais serão uma sinfonia revolucionária em busca de justiça social. Partamos, silenciosos e poéticos!!!

Acredito que o investimento em Educação é a base para o desenvolvimento de qualquer sociedade; por que nossos governantes e nossa sociedade teimam em repetir velhas formas: tudo para o mercado e nada para Educação do nosso povo?

O nosso País está tenso, carecendo de mentes que o levem para o caminho da justiça distributiva. O que presenciemos é o endurecimento da repressão aos movimentos sociais e das lutas dos trabalhadores! Voltamos a décadas de atraso, mas vamos resistir!

Uma forma de resistência é atuarmos no espaço da escola e da universidade; espaços do diálogo, do debate e da formação. É por meio do conhecimento e da reflexão que podemos contribuir para a mudança!!! Mas como mudar se a Educação é reflexo da história contemporânea? É no embate reflexivo, na resistência e fortalecimento dos movimentos sociais, sindicais e da luta dos trabalhadores que podemos mudar nossa realidade; e o nosso espaço de trabalho é uma maneira de fortalecermos e ampliarmos o debate sobre uma sociedade melhor para os trabalhadores.

Ana, é por isso que há grupos que querem coibir a reflexão e o debate sobre o presente e o passado no âmbito da sala de aula, tanto escolar como universitária. O medo de uns e a ignorância de outros ao repetir o discurso dos dominantes, que as classes trabalhadoras se apropriem do conhecimento, são nítidos e notórios! Querem reproduzir a sua ideologia, ideologia da classe rica e burguesa, consumista, devoradora do supérfluo! Não querem ser confrontados! Para que discutir racismo, sexismo, homofobia, injustiça social, pobreza na escola e na universidade? Não! Não! Não! Não é preciso. Tudo isso abala o tranquilo sono da burguesia. Não quero aqui ser o radical, instaurando a ditadura do proletariado; tem ricos que pensam democraticamente também!!! Entretanto, hoje querem amordaçar o professor, fazê-lo reprodutor alienado do discurso dos dominantes, como nas décadas da ditadura. Como conjugar o verbo comer e não refletir sobre a fome e suas causas que ainda assolam nosso País? Como identificar o sujeito da frase Francisco procura emprego sem ler um texto sobre as causas do desemprego e refletir no texto a vida cotidiana?

Quero uma educação engajada! Nós professores devemos praticar essa educação, lendo e refletindo a linha e a entrelinha. História, Geografia, Matemática, a língua, as ciências humanas, da natureza e sociais, como forma de incentivar o espírito curioso, investigativo, como diz Paulo Freire, *uma curiosidade epistemológica* devemos suscitar nos estudantes.

Uma escola que toma parte nos acontecimentos, que não é neutra diante das injustiças e das desigualdades. Avante!!! Não vamos ficar defronte da multidão: “olhando esqui-fe longamente”. Sabemos que a “vida é uma agitação feroz e sem finalidade/Que a vida é traição!!! Mas, vamos de encontro ao destino predestinados por deuses e homens-ouro de nossa República. Vamos construir nova história, começando com pequenos gestos. Começo, iniciando a passos lentos, o Projeto Leitoras/Escritoras do Brasil<sup>7</sup> para aguçar a leitura de nossas escritoras às vezes esquecidas. A poesia também é revolucionária.

Não deixemos que o desânimo nos aflore, hoje a nossa cultura é devoradora do supérfluo! A indústria do entretenimento vazio está nos consumindo. Basta olhar a programação da maior rede de televisão, aquela golpista que manipula a informação e a realidade! Não tem nada formativo, reflexivo, instigador! Reflexo de nossa cultura, nós e nossos estudantes estamos caindo no abismo das coisas efêmeras, do prazer e do egoísmo. Tudo em benefício da satisfação pessoal.

---

7 Projeto literário desenvolvido em escola pública municipal de Fortaleza-CE.

Não recuemos, contudo! Avante, em direção a uma sociedade livre, com pessoas criativas, sujeitas de direitos, reflexivas! Não desistamos de nossos sonhos. Às vezes desanimamos, mas é desanimando, que recuo um pouco, afastome e retorno mais renovado, com sede de luta e cheio de sonhos.

Abraços fraternos,

**Darlan.**

**Fortaleza, 31 de janeiro de 2017.**

Primeira carta do ano, último dia do 1º mês.

Olá, prezado colega de profissão e de fé,

E por falar em desânimo, [...], longa pausa para processar sua última carta a mim enviada. Nesse dia de esperançosa chuva em Fortaleza, tento estimular meu olhar sobre todo o contexto nacional por você relatado, buscando encontrar algo que nos anime para seguir insistentemente éticos em nossa jornada educativa. Mas, a cada dia que passa, a cada manchete jornalística, em que grande visibilidade é dada aos bandidos de elite da tão propalada “Operação Lava a Jato”. Tudo parece estar invertido, se tomarmos a lógica moderna de ética e vida societária que apreendemos como correta e desejável: bandido virou herói famoso – independentemente do nível econômico; ser honesto é ser tachado de otário e ingênuo (até o tão grandioso sentido do ser ingênuo e puro, vem perdendo sua aura de nobreza!).

Na universidade, por sua vez, venho percebendo clara e cotidianamente o reflexo dessa inversão em certas práticas viciosas de estudantes que tentam ludibriar os processos pedagógicos, com leituras raras, superficiais, tentando enganar-me e enganar a si mesmo com trabalhos repletos de “achismos”, de opiniões sem fundamentações referenciadas ou ainda copiadas integralmente de fontes virtuais. Uma verdadeira “escola de microcorrupções” cotidianas,

que muito provavelmente os ensinarão a levarem esses vícios para seus espaços de atuação profissional – escolas, ONGs etc. Revelação cruel, porém necessária de ser dita, socializada, sob a pena de ficarmos em sala discutindo sobre a corrupção do outro e negando a própria.

Contando ainda com os constantes momentos que presencio, na hora da aula, em que alguns estudantes se deliciam ao deslizar o dedo indicador sobre a tela do celular! Perder o foco da atenção para redes sociais como *facebook* e *whatsapp* é algo tão deprimente que minha energia docente cai ao chão, antes mesmo da aula finalizar! Ai como me irritam essas atitudes e essa falta de objetivo e foco de certos estudantes! Ingressam numa universidade pública, considerada a melhor estadual do Norte-Nordeste<sup>8</sup>, tem variadas possibilidades de engrandecerem-se profissional e pessoalmente, mas insistem num estado de apatia e alienação provocada, dentre outras variantes, pela contaminação dessas fúteis “redes de dormir”!

Que fazer diante desse mar geral de lama, repleto de espíritos sujos e corrompidos? Cabe-nos, nesse contexto de sala de aula, criticar os bandidos-heróis da “Lava a Jato”, vendo diariamente essas práticas universitárias nada inocentes? Como não cair num desencanto?

“Desilusão, desilusão, danço eu, dança você, na dança da solidão” – Só Marisa Monte me conforta nesse momento, mas por causa de seu canto, não pela mensagem presente na letra...

Resta-me continuar, arduamente na rota que ainda

---

8 <http://www.uece.br/uece/index.php/noticias/93793-2016-09-21-11-42-24>

acredito – sim, ainda acredito. Ainda sou romântica a ponto de buscar caminhos de eticidade. E insistir nisso. Carrego em mim muita paixão pelo que faço profissionalmente. Amo a docência e talvez seja isso que me mova e comova!

Por isso, Darlan, nossa única saída, no momento, é amar! Sigamos, com a velha profecia de Belchior: “Amar e mudar as coisas me interessa mais”<sup>9</sup>.

Abraços, querido amigo. Saúde, delicadeza e fé, sempre!

**Ana Moraes.**

---

9 Música “Alucinação”, do cantor e compositor cearense Belchior.

Fortaleza, 12 de janeiro de 2017.

“Uma mancha difusa de instintos, doçuras e ferocidades, uma trêmula irradiação de paz e luta”  
(Clarice Lispector, *Uma Aprendizagem ou o Livro Dos Prazeres*).

Ana Moraes:

Escrevo-te geométrica, excêntrica, torta<sup>10</sup> e em desordem devido à Ordem e o Progresso que foi desvirtuado de nosso lindo pendão da esperança, augusto da paz; a frase positivista, que orienta nossa Nação, virou lema sem eco de um governo sem votos. Mascara a crise política, econômica e ético-social de nossa amada terra do Brasil. Nosso símbolo maior ultrapassa governos! Representa nosso povo, nossa Nação!

Ana, digito para ti, geométrica, porque só as formas de Euclides observadas no mundo são capazes de me aprender e dizer um pouco de mim, desiludido, mas tecendo fios de sonhos, acreditando num país da ética, da honestidade e do zelo pela coisa pública. Diante de tanta intolerância, que bom seria que nossos semelhantes, nossa sociedade acolhessem as diferenças humanas como acolhem a diversidade da Geometria!

<sup>10</sup> Geométrica, excêntrica e torta: adjetivos atribuídos a si mesmo, pelo próprio autor da carta. A mudança de gênero é intencional.

Estamos com a moral torta e desordenada, as leis sendo burladas para atender aos interesses pessoais, mas isso é reflexo de nossa cultura. Quantas vezes furamos a fila, avançamos o sinal amarelo, uma vez que nos manda esperar. Achar um objeto e não devolvê-lo. Tudo torto e em desordem. Estou assim, desordenado e desmedido com o tosco capital que intrinsecamente dita as regras de nossa frágil democracia.

Democracia fragilizada porque nossos cidadãos não participam da vida política. Não temos escolas de formação política, o movimento social está letárgico e os partidos mergulhados na sua burocracia. Com isso há espaço para apatia, intolerância, visões deturpadas, massificadas, espetaculizadas, midiáticas e totalitárias.

Tu falavas do desinteresse dos estudantes. Penso que nossa participação social e política se mingua também quando nossa formação escolar e universitária vêm precarizadas, reflexo da falta de investimento público e de uma cultura de valorização do saber. Isso se reflete, quando nossos estudantes e nós professores damos ênfase às leituras esparsas, às opiniões sem embasamento teórico, fruto de um pensamento individual, subjetivo e com base nas redes sociais, fazendo crer uma opinião universal, analisada, investigada e comprovada.

Nossa ação pedagógica deve superar a “curiosidade ingênua” que nos levam, hoje, a essas redes sociais, transformando-a em “curiosidade epistemológica”. Devemos ser usuários do facebook, do twitter, do *instagran* e do *whatsapp* similarmemente críticos e éticos. Como afirma Freire (1996, p.

32), “[...] a curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte do fenômeno vital.” Portanto, nossa Pedagogia deve suscitar, exigir a criticidade de nós professores e dos educandos em todas as esferas sociais. Vejo nessas redes a circulação de notícias falsas, antigas como se fossem atuais, correntes e mais correntes de orações e de autoajuda como se fossem salvadoras e instauradoras da felicidade. A vida vasculhada e compartilhada. E quando é trágica, melhor ainda, como diz Bauman (1999), o teórico da modernidade líquida, vivemos e reproduzimos a banalidade do mal. Corriqueiro, silencioso, *online* e cotidiano.

Como superar essa cultura do supérfluo, da espetacularização, das banalidades? Defendo o ponto de vista que devemos investir num Brasil de leitores; de profissionais curiosos, de pesquisadores; de homens e mulheres de paz e de luta pelo conhecimento. O início disso? De uma formação de sujeitos leitores? De uma “educação engajada”? Ana, começa e é missão da escola básica e não se esgota nela. Escola com foco na leitura, na busca do conhecimento e nas práticas sociais. Depois, sistematizada e estendida, por você, professora, na academia.

Para nos guiar um pouco nessa epístola eletrônica, transcrevo-te, amiga, sobre esse desafio, um trecho da introdução de um livro que pretendo publicar, que foi parte de minha monografia de conclusão do curso de Especialização em Língua Portuguesa: A produção de poemas de alunos do 6º ano de uma escola pública por meio de uma sequência didática:

“A leitura e de produção de textos é um desafio diante do marasmo e da rejeição dessa atividade por parte de alunos e professores em nossas escolas. Como superar essa apatia diante de índices alarmantes sobre leitura, 44% da população brasileira não lê nenhum livro ou qualquer outro material. (Instituto Pró-livro, 2016, p. 22). Como motivar os estudantes a escrever de forma significativa, em contextos sócio-comunicativos em nossas escolas? Como fornecer instrumentos para que nossos professores orientem os estudantes produzirem textos com qualidade? Como motivar a leitura e a produção literária em sala de aula uma vez que essas incidem e aguçam nossos sentidos para o desenvolvimento do conhecimento, das dimensões éticas e do prazer estético”.

A escola tem o desafio de formar estudantes produtores de obras literárias, incluindo a produção de contos, crônicas, memórias e poemas, colocando-os ao lado da produção dos textos escolares clássicos, aqueles dissertativos-argumentativos.

Penso e defendo que as nossas escolas devem instigar um percurso formativo, propedêutico, que incentive as artes, as leituras, as ciências, as humanidades; formar estudantes leitores e produtores de obras literárias, de textos que circulam em nossa sociedade, aguçando os sentidos estético, ético e crítico. Assim, com esse percurso formativo, tornar-se-iam mais fáceis os caminhos das diversas leituras e investigação científica no mundo universitário.

Mas essa proposta político-pedagógica, Ana, está sendo excluída de nossos sistemas de ensino com a reforma do ensino médio feita por Medida Provisória<sup>11</sup>, totalmente autoritária, sem debate com a sociedade, com educadores e

---

11 Medida Provisória nº 746/2016.

com os estudantes cuja aprovação ocorreu no dia 8 do mês corrente pelo Congresso Nacional.

A Medida Provisória retorna à separação do Ensino Médio cujos estudantes serão “divididos entre aqueles que vão ter acesso a um ensino propedêutico e aqueles que vão ter acesso a um ensino técnico de baixa qualidade”.

Prioriza o ensino tecnológico, preparando cidadãos para o mercado de trabalho, máquinas de mão de obra humana para o capital, sem uma formação cidadã, e propedêutica; aquele ensino, que visa à crítica e à superação da realidade social estará comprometido. Como acreditar numa medida provisória para a Educação em que somente o ensino de Língua Portuguesa e a Matemática serão prioritários? Sem contar que surge a figura do professor com notório saber, sem exigência das competências pedagógicas, inerentes à licenciatura. Teria muito para te falar e lamentar sobre a medida Provisória 746 de um governo que usurpou a pátria educadora. Vamos debater sobre essa medida provisória?

Termino por aqui. Ainda geométrica e excêntrica, acreditando que juntas, assumindo-nos: - ser histórico e social, ser de luta e de rebelião - não nos acostumaremos com as tiranias de nossos algozes e buscando nossa humanidade, nos saciaremos, um dia, de justiça e paz.

Abraços socialistas.

**Darlan.**

P.S: Por que escrevo e continuo excêntrica? “Em números me embaraço e perco sempre a medida”. A normalidade não me absorve e vagueio pela minha urbe petrificada, ouvindo os gritos dos excluídos.

Nossas cartas apontaram para emoções cotidianas, pautadas na nossa realidade pessoal do trabalho educacional, da conjuntura sócio-político-econômica, que ferveu no Brasil de 2015 a 2017 – período de escritura de nossas epístolas.

São textos emotivos, que discute nossa Pedagogia e são cartas com teor político, pois, em nosso discurso, nos colocamos como sujeitos de fala, refletindo nossa atuação profissional, nosso papel de educadora e educador no espaço em que atuamos – universidade e escola – e suas implicações na vida dos estudantes e da sociedade em geral.

Dialogar entre amigos e profissionais que somos, atentos aos anseios dos nossos estudantes, nos instigou a melhorar nossa postura como profissionais. A repensar nossas aulas em nossas instituições educativas, inseridas numa sociedade tão desigual e cheia de opressão. A escrita de carta nos motivou a repensar nossas práticas docentes, criando estratégias de intervenção pedagógica para que nossos estudantes, em escolas e faculdades públicas aprendam com qualidade.

Apesar do desabafo esperançoso presentes em nossas Cartas Pedagógicas, ao relê-las e revisá-las em 2018 com certo distanciamento temporal, sentimos o quanto refletimos sobre nossas intervenções educacionais cotidianas e o

quanto essas reflexões são calorosas, militantes e também dolorosas. Nossos contextos de trabalho docente não são somente flores; os espinhos fazem parte deles. Nossas cartas são singelas porque falam sobre nossas profissões, nosso dia a dia, em linguagem clara e acessível, apesar de conter simbolismos e metáforas.

E para falar das flores que surgem em nosso cotidiano profissional, realçamos que, felizmente, nossos alunos no contexto escolar e fora dele também escrevem vários tipos de textos. E em nossas escolas ou em espaços informais escrevem também cartas, bilhetes e poemas. Deparamo-nos, principalmente, com o gênero bilhete que são escritos em pequenos papéis, reproduzindo um discurso afetivo entre alunos e demais membros da escola.

Assim, remetemo-nos a essas produções num tom saudosista e feliz para assinalarmos que, mesmo diante da indisciplina das crianças e adolescentes, de descasos do poder público para com a educação, vemos em nossas escolas cartas ou bilhetes de alunos e ex-alunos a nós remetidas e que, em geral, trazem um conteúdo de afetuosidade e admiração para conosco.

Nossas cartas nos fizeram lembrar da produção textual em sala de aula, das conversas com os alunos, dos bilhetinhos que os estudantes mandam e até dos rabiscos e pichações de nomes e frases que os estudantes escrevem nas cadeiras e paredes da escola.

Pequenos textos escritos para os docentes em sala tais como: “Professor, muito obrigado por ter me ensinado algumas coisas!”; “O senhor é um professor muito legal, muito

divertido. Te amo.”; “Eu a parabenozo pela realização desse trabalho e quero agradecer por compartilhar seus conhecimentos e por contribuir para a minha formação”; “Concorro que o segredo está na aprendizagem mútua, num saber com sabor, produzindo uma beleza onde para muitos não existe”. Talvez aí estejam pistas importantes para nós, docentes, refletirmos sobre os possíveis alcances de nossas intervenções formativas. Vemos, nessas mensagens, intenções pedagógicas destinadas a nós.

A vontade de escrever textos, portanto, lateja, pulsa também em nossos estudantes e muitas vezes nós professores não aguçamos essa vontade de escrever, ou atropelamos os processos de escrita. Nesse caminho, produção de texto deve ser trabalhada como um processo que não se esgota numa escrita relâmpago de texto para atribuição de uma nota.

A produção de texto de um gênero determinado em sala de aula precisa ser mediada por uma metodologia na qual a primeira produção textual não é a versão final como ocorre na maioria das vezes nas aulas de Português, Redação e nos exames escolares.

Devemos considerar a escrita de textos dentro de um processo em que vários caminhos são elaborados e percorridos, partes desse texto são eliminados, outros desenvolvidos, acrescentados ou resumidos. Esse processo de produção, portanto, consiste em um caminho caótico em que ideias, informações, contexto do escritor, contexto do leitor e domínio do código linguístico estão envolvidos. Segundo Passarelli (2012), desse processo desordenado, busca-se alcançar a clareza de ideias, de enunciados e de informações.

Devemos partir do pressuposto de que todo sujeito que participa de uma comunidade discursiva e que se apropriou do código dessa comunidade pode escrever um texto. Deste modo, entendemos que a escrita “não se trata de um dom transcendental de privilegiados” (PASSARELLI, 2012, p.143). Ainda seguindo essa linha teórica que compreende que qualquer pessoa pode dominar os processos de produção de textos, defendemos que:

A capacidade de produzir um texto coerente em relação aos conteúdos e com um mínimo de coesão linguística não é um dom exclusivo de uma minoria seleta, mas uma capacidade ao alcance de todo indivíduo escolarizado, se lhe damos as condições de ensino e aprendizagem adequadas. (PASQUIER; DOLZ, 1996, p. 1).

Assim, todo sujeito dispõe de habilidades e de um conjunto de competência cognitiva para realizar processos de produção de textos, possuindo um arcabouço mínimo de estratégias discursivas próprias para a produção desse texto.

O professor deve, por conseguinte, trabalhar na tentativa de fazer com que seus estudantes ampliem as suas estratégias discursivas de produção de textos, levando em consideração que para essa produção ,

[...] é preciso dar-se conta que somente com muito empenho e reflexão, elaborando texto(s) provisório(s), revisando, revisando e revisando, trocando ideias, buscando mais informações, conversando com outras pessoas e, às vezes, reescrevendo tudo mais uma vez

é que escritores conseguem o que pretendiam dizer. (PASSARELLI, 2012, p. 145).

Colocamos, então, a nomenclatura de escritores imaturos para aqueles que compreendem esparsamente as noções de produção de textos ou não dominam, ainda, as etapas de produção. Essas etapas, conforme Passarelli (2012) são: planejamento, releitura, revisão/reescrita e edição.

A produção de um texto requer a leitura e o domínio prévio da temática abordada pelo texto. A competência para escrever se ancora nas leituras motivadas pelo interesse ou pelo prazer que o escritor tem antes e depois de escrever um texto.

O papel do professor precisa ser nessa direção, o de apontar caminhos para os estudantes, sistematizando a prática de produção escrita, orientada para o planejamento da escrita/produção, fazer compreender que escrita de um texto se dá, inicialmente, por um esboço desse texto, funcionando como um rascunho para depois revisar e reescrever esse texto. Seria muito interessante partir dos pequenos textos dos estudantes e motivá-los a desenvolver seus manuscritos, ampliando-os, reescrevendo-os, relendo-os para depois construir a versão final. A produção de texto como fazemos nas escolas, em geral, se dá em uma etapa, a de responder e/ou escrever a partir de um tema lançado pelo professor, no decorrer de no máximo duas horas, depois se recolhe os textos para averiguação da nota por ele. Contrapondo esse modelo, compreendemos que a escrita como processo privilegia a produção de um texto que, para sua constituição final, envolve etapas, tempo e disposição afetiva do escritor.

A abordagem do processo de produção de um texto

deve enfatizar o ensino da escrita, levando em conta como a pessoa escreve, as suas motivações e seu interesse; como aponta Passarelli (2012). Nesse ponto, percebemos que a disposição afetiva envolve o encantamento e o interesse pela temática do texto, tornando-se mais fácil escrever, pois ideias fluem melhor quando se escreve sobre o que você gosta ou conhece, assim como ocorreu no caso da escrita de nossas epístolas.

Dessa forma, “uma vez colocado no papel, os escritores revisam, decidindo como melhor comunicar o que eles desejam dizer: melhoram suas comunicações por meio da escrita, escrevendo e escrevendo – criando e editando -, até que considerem satisfatório esse produto.” (EDWARDS e MALOY, 1992, p.49 *apud* PASSARELLI, 2012, p. 148).

Em uma escrita processual, é necessária a releitura e a reescrita desse texto provisório, analisando, anotando, rabiscando, acrescentando ou eliminando partes para mais tarde se tornar um texto claro e coeso.

Em nossas escolas, percebemos que,

Raramente as crianças releem, sequer tornam pública cada parte de seus escritos. Elas usam diferentes elementos do processo de escrita, em momentos distintos, que vão se adequando a propósitos e contextos específicos, os quais, na situação escolar, são decorrentes das orientações do professor. Na verdade, o que os escritores iniciantes levam em consideração é o que eles desejam comunicar e simplesmente vão escrevendo. (PASSARELLI, 2012, p. 149).

Assim, a produção textual de um escritor iniciante é diferente de um escritor experiente. O que diferencia é justamente o processo de produção do texto no qual um escritor experiente relê e reescreve uma página, um trecho, um parágrafo, considerando que pode terminar um texto de uma só vez ou levar dias, revisando-o para concluir sua obra; enquanto o de um iniciante, não prioriza tais passos, escrevem e dão por encerrado seu texto.

O professor deve entender esse processo que ocorre com os diferentes escritores e aplicá-lo no ensino de produção textual, superando aqueles métodos tradicionais de produção de redações escolares. Para tanto,

[...] deve-se ter em conta a escrita como uma tarefa que se realiza em etapas, desenvolvida gradativamente, e que exige muita dedicação. Para um ensino produtivo, é necessário esclarecer ao aluno que o produto final é obtido por uma série de operações e que para cada etapa constitutiva do processo de escrever há procedimentos específicos. (PASSARELLI, 2012, p. 153).

Ao empreitar uma atividade de produção de texto, o professor deve preparar os estudantes para a coleta de informações sobre a temática na qual se pretende discorrer. Passarelli (2012, p.153) nos orienta que, nessa primeira etapa de planejamento da escrita, “a seleção das informações requer que se colete o material, os fatos, as ideias e as observações com os quais o texto será elaborado” que “provém das mais diversas fontes”.

Nesse processo, o escritor organiza suas ideias, seleciona suas informações, hierarquiza num plano textual, organizando temas e categorizando tópicos. Ainda na fase de seleção das informações e ideias “para aprender a escrever um gênero determinado de textos, é necessário que os alunos sejam postos em contato com um *corpus* textual deste mesmo gênero que sirva de referência”. (PASQUIER; DOLZ, 1996, p. 5). Após a seleção e organização mental das ideias, segue-se a tradução dessas e de outras informações em parágrafos, frases ou mesmo em uma palavra. “É quando as ideias levantadas passam para o papel, num trabalho que requer a atenção voltada à organização do texto em uma unidade de base – os parágrafos – de acordo com alguns critérios para a sua construção.” (PASSARELLI 2012, p. 157).

Nessa segunda etapa, contempla-se principalmente a organização das ideias que antes eram esparsas e dispersas em um todo harmônico, seguindo os princípios de coerência e coesão do texto. É nessa etapa que o estudante-escritor vai selecionar, direcionar e imprimir em seu texto o seu estilo de escrita. Mesmo quando propomos um tipo específico de texto, como as cartas.

Assim, esta segunda etapa de produção de texto “diz respeito à conversão em língua escrita das ideias organizadas segundo o que foi levantado no planejamento, configura-se no texto provisório produzido até então que sofrerá, subsequentemente, uma revisão.” (PASSARELLI, 2012, p. 159).

A penúltima etapa é chamada de revisão e consiste em rever os seus escritos, observando as consistências, contradições e lacunas que podem existir no texto produzido.

No cotidiano do ensino da língua materna, no que diz respeito à produção de um texto, o professor não explora muito essa etapa visto que os estudantes escrevem seus textos para uma nota e dão por encerrado o processo de produção de texto. Em seguida o professor observa as inconsistências e erros relativos à norma culta e atribui uma nota, correspondendo à verificação do conteúdo aprendido pelo estudante, que vai refletir a aprendizagem do conteúdo em seu texto.

De acordo com Passarelli (2012, p.159), a revisão de textos feitos por estudantes não é muito aceita por eles. Ela afirma:

A revisão é a etapa contra qual os alunos mais se rebelam. Ela é pouco praticada na escola, pois se observa que, frequentemente, os rascunhos das redações trazem poucas correções. Muitas redações passadas a limpo em quase nada diferem dos rascunhos. Os textos são lidos com rapidez, o que não permitem uma leitura crítica.

Para nos tornamos escritores maduros, precisamos revisar os nossos escritos para que possamos ver com maior clareza se organizamos e reunimos as ideias selecionadas, se estão claramente expressas e seguindo uma linha lógica, coesa e coerente. Esse processo nos torna leitor, primeiramente, de nós mesmos. Ao revisar,

O escritor move as palavras na página e olha através delas para o tema que se desdobra, como numa verdadeira exploração em que o sujeito descobre o que tem a dizer. De escritor, o sujeito passa a ser leitor de

si mesmo, voltando a ser escritor novamente: altera partes de seu texto, inclui uma sentença ou outra, descarta um parágrafo, examina detalhadamente a adequação do material textual produzido àquilo que a língua convencionou, verifica a exatidão quanto a significação e acessibilidade e aceitabilidade por parte do leitor. (PASSARELLI, 2012, p. 160).

No processo de revisão, prima-se pelo cuidado e zelo com a língua no que diz respeito à adequação do texto à norma culta; nesse momento, recorrer às normas gramaticais faz-se necessário para essa sistematização.

O processo de produção requer, de nós professores, dedicação e empenho, pois, seguindo os passos supracitados, os estudantes terão êxito na produção de qualquer texto de diferente gênero textual.

E assim seguimos nossas rotas. Enquanto vivenciamos certos desafios e agruras no cotidiano educacional, temos também muitas alegrias, dentre elas, os sentimentos de gratidão e encantamento de alguns estudantes pelo nosso trabalho e pela nossa pessoa.

Por isso que, por vezes, rimos por dentro e dizemos em íntima voz: “Ganhei o dia!”. Isso porque o professor recebeu aquele bilhetinho, aquele pequeno texto que se aproxima da linguagem epistolar, com uma linguagem informal, num estilo em que reproduz quase que a linguagem oral, pois os mesmos estão desenvolvendo e aperfeiçoando a aquisição da língua portuguesa padrão. Como podem ver na imagem abaixo, com trechos de cartas de crianças do Ensino Fundamental I.



Escrever cartas é, pois, para nós, seres sociais “escrevedores” – professores, estudantes, amantes... – uma necessidade existencial, por ser ato criativo, resultante de um “impulso lúdico”, para referir-se a um termo de Schiller que se refere, grosso modo, à ação recíproca entre dois impulsos humanos: o formal (racional) e o sensível (natural) que, ao se inter-relacionarem, originam o impulso lúdico (ou estético). Este, por sua vez, manifesta a forma viva no entrelaçamento entre o impulso sensível (materializado na vida) e o formal (materializado na forma), ou seja, a manifestação da beleza criada pelas ações integradas entre a razão e a sensibilidade humanas (SCHILLER, 2011, p. 70-73).

**Escrevamos!**

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1999.

CAMINI, Isabela. **Cartas Pedagógicas**: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam. Porto Alegre: ESTEF, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo, UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. **Cartas a Guiné Bissau**: registros de uma experiência em processo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_. “Carta de Paulo Freire aos Professores”. In: **Revista Estudos Avançados**, n. 15, 42, 2001.

\_\_\_\_\_. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. São Paulo: UNESP, 2003.

GOETHE, J.; SCHILLER, Friedrich. **Correspondência**. São Paulo: Hedra, 2010.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. Organização de Zoara Failla. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

KAFKA, Franz. **Carta a meu pai**. 5. ed. São Paulo: Hemus, 1970.

MORAES, Ana Cristina. **Educação estética na universidade**: antropofagias e repertórios artístico-culturais de estudantes. Curitiba: CRV/Fortaleza: EdUECE, 2016.

PASQUIER, A.; DOLZ, J. **Um decálogo para ensinar a escrever**. 1996. In: [www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/4928/um-decalogo-dolz-pasquier.pdf](http://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/4928/um-decalogo-dolz-pasquier.pdf). Acesso: em 26 jun 2018.

PASSARELLI, Lilian Maria Ghiuro. **Ensino e Correção na Produção de Textos escolares**. São Paulo: Cortez, 2012.

PEREIRA, M. Villela. “A escrita acadêmica – do excessivo ao razoável”. In: **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: ANPED, v. 18, n. 52, jan-mar, 2013.

SCHILLER, Friedrich. **A Educação Estética do Homem**. São Paulo: EPU, 2011.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à Estética**. 4. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1996.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

WELSCH, Wolfgang. “Estetização e estetização profunda ou: a respeito da atualidade do estético nos dias de hoje” Tradução: Álvaro Vallis. In: **Revista Porto Arte**. Porto Alegre, v. 6, n. 9, p. 7-22, maio, 1995.

## Apresentação dos autores

**Ana Cristina de Moraes** é Professora Adjunta da UECE. Doutora em Educação (UNICAMP); Mestre em Educação (UFC); Especialista em Metodologia do Ensino de Artes (UECE); Graduada em Serviço Social (UECE). Escritora de Cartas e Poemas. Endereço Eletrônico: [cris.moraes@uece.br](mailto:cris.moraes@uece.br)

**Darlan Lima Paiva** é Especialista em Ensino de Língua Portuguesa. Graduado em Letras (UFC). Professor da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza nas disciplinas de Português e Literatura. Escritor de Cartas e Contos Literários. Endereço Eletrônico: [darlan13@yahoo.com.br](mailto:darlan13@yahoo.com.br)